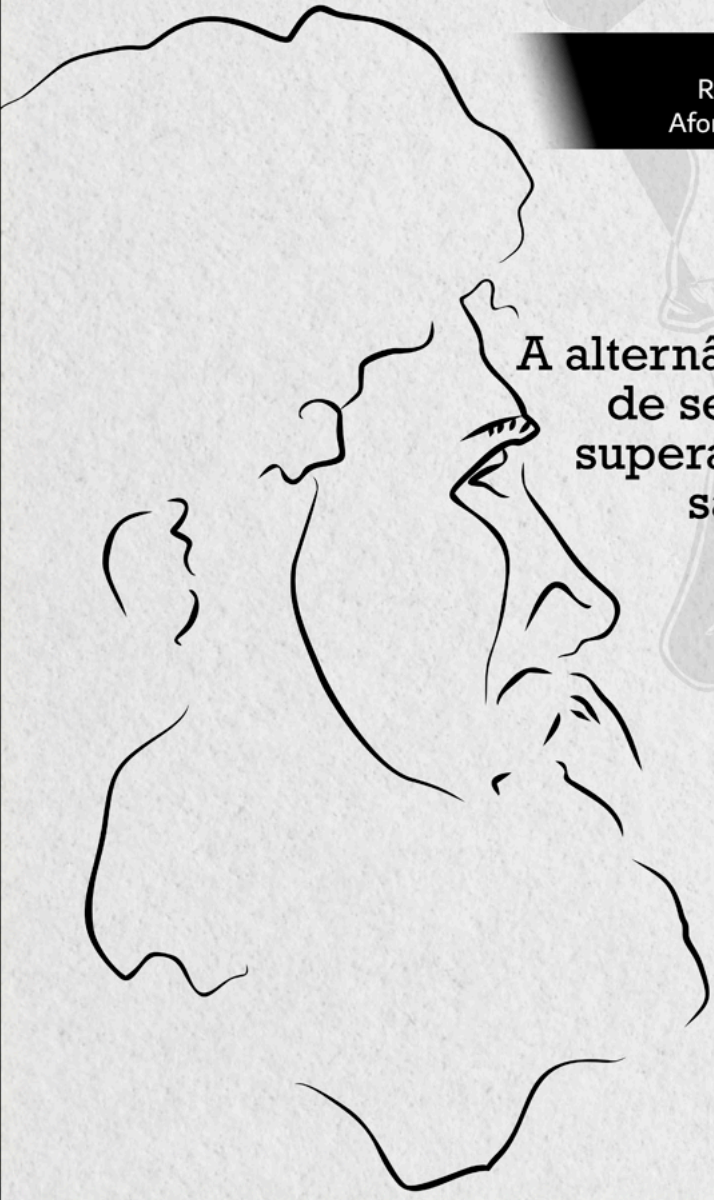


FENOMENOLOGIA DA GESTALTIFICAÇÃO

Por Fernanda Holanda de Sousa
Regina de Fátima Marcos da Silva
Afonso Henrique Lisboa da Fonseca

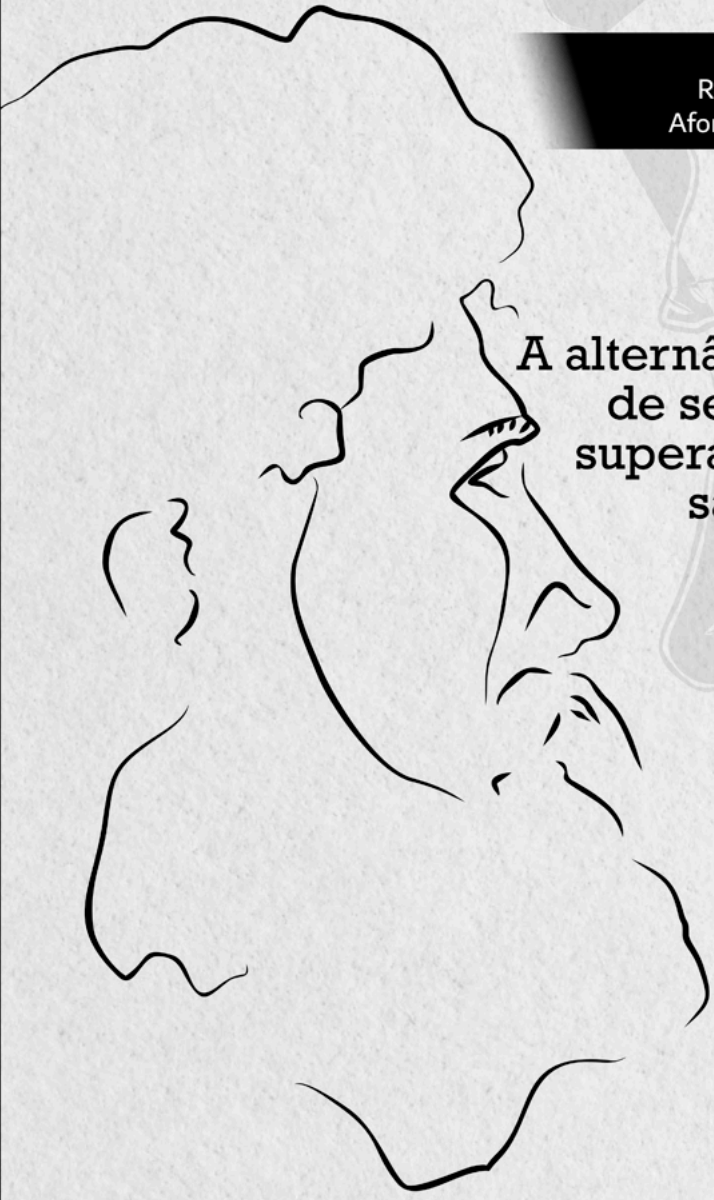


A alternância dos modos
de ser como criação,
superação, mudança e
saúde existencial

Atena
Editora
Ano 2022

FENOMENOLOGIA DA GESTALTIFICAÇÃO

Por Fernanda Holanda de Sousa
Regina de Fátima Marcos da Silva
Afonso Henrique Lisboa da Fonseca



A alternância dos modos
de ser como criação,
superação, mudança e
saúde existencial

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Edição de arte da capa

Iury Andrevich Silva Lima

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná



Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadirson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Fenomenologia da Gestaltificação: a alternância dos modos de ser como criação, superação, mudança e saúde existencial

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Autores: Fernanda Holanda de Sousa
Regina de Fátima Marcos da Silva
Afonso Henrique Lisboa da Fonseca

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725 Sousa, Fernanda Holanda de
Fenomenologia da Gestaltificação: a alternância dos modos de ser como criação, superação, mudança e saúde existencial / Fernanda Holanda de Sousa, Regina de Fátima Marcos da Silva, Afonso Henrique Lisboa da Fonseca. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0534-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.344222908>

1. Fenomenologia. 2. Sociedade moderna. I. Sousa, Fernanda Holanda de. II. Silva, Regina de Fátima Marcos da. III. Fonseca, Afonso Henrique Lisboa da. IV. Título.

CDD 142.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



AGRADECIMENTOS

FERNANDA HOLANDA DE SOUSA

Início falando de minha gratidão a D'us, pois em todo momento tenho sentido e visto seu amor. Meus sinceros e inexplicáveis agradecimentos a Afonso Fonseca que, desde 2015, se tornou alguém muito importante para minha formação como pessoa e profissional. Me possibilitou por meio da sua pedagogia ontológica a superar minhas fragilidades trazidas de uma educação colonial, trazidas de uma formação cronificada no modo de ser institucional. Afonso que através do seu modo de ser (experiência e teoria) me apresentou uma ética, uma epistemologia, uma metodologia, uma pedagogia e uma propedêutica de fenomenologia da gestaltificação. A Afonso que me possibilitou pensar e sentir na existência de maneira respeitosa, em condições respeitosas de liberdade, em condições de profunda valorização da vida, do outro e do ambiente. Minhas indizíveis palavras de gratidão a você, Afonso. Gratidão a minha querida filha Rebecca, por sua imensa paciência, e ler para mim várias vezes o que escrevo. Ao meu filho querido Luis Fernando por compreender as vezes que não pude brincar e pelos momentos que me questionou e nunca mais pude ser a mesma. Aos meus pais (Helena e Valter Rubens) que sempre me apoiaram em tudo que foi possível. Gratidão ao meu noivo Markson por todo seu companheirismo, atenção e amor. Forte gratidão também por minha parceira de trabalho Regina Marcos. Por todos os estudos que juntos (eu, Afonso e ela) fizemos... por toda sua dedicação, amizade, companheirismo e amor na caminhada. Obrigada! Meus sinceros agradecimentos também as pessoas que ajudaram com as correções finais e organização do livro (Anna Júlia Giurizzato, Iris Abreu e João Silveira). Certamente existem outras pessoas que tenho gratidão nesse percurso e que não conseguirei colocar aqui, mas em meu coração e memória a eterna gratidão.

AFONSO HENRIQUE LISBOA DA FONSECA

Queridas, Regina e Fernanda, vocês insistiram em discutir algumas de nossas argumentações no TCC de vocês. Isso muito me alegra, porque, como vocês sabem, nossas especulações vêm do esforço para superarmos limites que coletivamente enfrentamos, para superar os tantos absurdos e caminhos truncados, e para fomentar uma originalidade sintônica com nós outros, e que nos corresponda.

Vocês sabem que, em momento algum, solicitei ou estimulei a iniciativa de vocês.

Mas, sempre me disponho a colaborar, porque ela muito me alegra.

Neste sentido é que resolvi elaborar estes comentários para vocês, em versões, à

medida que eu os for elaborando.

REGINA DE FÁTIMA MARCOS DA SILVA

Minha eterna gratidão à Deus por nos proporcionar a capacidade de discernir e nos dar a sabedoria que precisamos pra lidar com a vida. Esse trabalho é fruto de muito estudo, dedicação e muito tempo entregue. Sou grata aos momentos dialógicos com Afonso Fonseca, que nos trouxe vida e muito sentido. E grata a minha parceira Fernanda Holanda que insistentemente amou esse trabalho e me implicou a viver essa fenomenologia. Agradeço à todos que participaram, acrescentaram e reforçaram ainda mais o que acredito: o Encontro. Agradeço com todo o meu coração, vocês fazem parte da minha eternidade: Deise, Kathuly, Brenda e minha irmã amiga parceira Bárbara que tem dividido meus melhores momentos de vida, compartilhando sentido e vivendo as possibilidades existentes. À minha mãe que faz parte dessa base, com seu amor e generosidade de vida, gratidão!

PREFÁCIO

Poder apresentar essa obra literária, construída a partir do aprofundamento investigativo de Fernanda Holanda e Regina de Fátima e das elucidações pontuadas por Afonso Fonseca, é uma responsabilidade na qual recebemos como um desafio, mas também com muito entusiasmo e alegria. A qualidade e relevância da produção, que destrincha saberes produzidos pela abordagem de Afonso e traz apontamentos do próprio autor, é marcada pela habilidade de explanar de maneira criativa e didática contribuições profissionais e conceituais deste referencial para o campo da Psicologia

O livro “A Alternância dos Modos de Ser como Criação, Superação, Mudança e Saúde Existencial” consegue aprofundar o debate acerca da abordagem no âmbito da psicologia, contextualizando a importância de seu desenvolvimento na sociedade contemporânea. Assim, tem o mérito de proporcionar esse diálogo entre os contextos microssocial e macrossocial, compreendendo o entrelaçar de fatores na produção das sociedades e das pessoas. Essa perspectiva presente na obra de Afonso e destacada no livro, ganha ainda mais relevância no cenário atual, marcado pela cultura do ressentimento e pela negação da alteridade e da criação.

De modo equivalente, ressaltamos a importância desta leitura, destinada prioritariamente para a Psicologia, e em especial para as Psicologias e Psicoterapias com fundamentação na Fenomenologia e no Existencialismo, pela relevância do tema, criatividade e inovação apresentadas nas discussões de assuntos ainda não devidamente explicitados pela Psicologia, bem como pela produção devidamente fundamentada epistemológica e conceitualmente. Os autores elaboram com profundidade e destreza a contribuição da abordagem na explicitação dos dois modos de ser, o primeiro teórico conceitual e o segundo estético e poético, e a necessária e natural alternância entre estes modos como característica ontológica humana e da saúde existencial. Com isto, o livro traz esclarecimentos necessários à Psicologia Humanista.

Em relação ao aspecto conceitual, o livro traz significativa contribuição para a elucidação de concepções importantes para a compreensão e desenvolvimento da Psicologia Fenomenológico-Existencial, a exemplo de *Ação*, *Implicação*, *Tensão*, *Estética*, entre outras, como resultado de pesquisas, apuração e desdobramentos da abordagem em Psicologia desenvolvida por Afonso Fonseca. Além disso, apresenta também a potencial concepção de Gestaltificação, enquanto movimento vivencial formativo.

Além dos aprendizados trazidos pela forma acessível de abordar temática tão complexa, o livro possibilita revelar como inicia o percurso de parceria traçado entre os

autores. Interessante pontuar a recordação do dia em que Afonso disse que Fernanda era sua aluna mais aplicada e relatou planos de publicação em conjunto. Não à toa, este livro evidencia um pouco desse empenho, pela continuidade das parcerias e projetos. Fruto dessa parceria, não apenas teórica, mas também vivencial, o livro mostra a implicação dos autores com a produção de relações dialógicas, com a compreensão e com a partilha de conhecimentos necessários para a produção potencial e criativa das pessoas, da sociedade e da psicologia.

A grandeza do material e dos ensinamentos apresentados por Afonso ganha um contorno importante neste livro. Representa o início de um processo de resgate das contribuições do autor. Embora reconhecido como grande expoente da psicologia e tendo influenciado a formação de muitos profissionais, sua obra ainda carece de maior divulgação e conhecimento em sua inteireza e complexidade. Com um perfil amoroso, democrático, comprometido e implicativo, Afonso deixou como legado uma obra enorme, disponível de maneira dispersa, entre publicações oficiais e não oficiais, materiais enviados a amigos e alunos, textos e vídeos na internet, produzidos até os últimos dias de sua presença física entre nós. A quantidade e qualidade deste material revelam o potencial de desenvolvimento da escola deixada por ele e a importância em seguir com suas geniais e inestimáveis produções e atividades no âmbito da psicologia e da formação humana. Neste sentido, este livro é um marco importante, sendo pioneiro em trazer o legado de Afonso e servindo como referencial para trabalhos futuros.

Além de apresentar ideias, desdobrar questões e expor concepções inovadoras para a Psicologia, esta leitura é relevante por ser o primeiro trabalho publicado após o “desmundamento” de Afonso Fonseca, com um capítulo inédito trazendo a produção textual do próprio autor, dando continuidade a sua obra e a seu valioso legado. É uma leitura imprescindível!

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

Apresentar este trabalho é historicizar, existencializar plasmaticamente em formato de livro uma caminhada com muita dedicação, amor, leituras, ousadia e respeito para com o conhecimento. Olhar para os escritos que estão contidos aqui é lembrar das madrugadas que eu e Afonso perdíamos o horário compartilhando pensamentos, é lembrar dos risos leves, do cuidado que Afonso teve com meu processo de aprendizagem, é lembrar da minha espera ansiosa para o final do mês chegar e poder ir para o encontro de formação, é lembrar do respeito que Afonso teve com minhas intensas vontades em relação as leituras, perguntas e críticas dos teóricos que líamos, inclusive, sobre ele. Ainda não consegui colocar em palavras toda minha admiração em relação aos escritos que Afonso fez em seu copião. Como obstinadamente escreve/desenvolve uma epistemologia, uma metodologia, uma ética e uma ontologia Fenomenológica Existencial Gestaltificativa Brasileira. Falar deste trabalho também é deixar evidenciado nossa luta em relação as panelinhas. Sim! As tais panelinhas... é falar o quanto muitas pessoas que compõem o corpo docente dentro das academias estão mais interessadas em garantir seu lugar de poder, de autoridade do que exercer seu papel de colaborador na educação. Pois muitos dos ditos «educadores», apoiados pela estratégia psico-socio-cultural de poder no âmbito da educação, possuem um trabalho que desvaloriza e deprecia no que diz respeito à aprendizagem, à educação e à pedagogia. Constituindo um espaço adoecedor, falido em relação ao desenvolvimento do conhecimento em nome de uma perspectiva narcizista de poder. Nossos escritos é resultado de muito esforço, de superação de nós mesmos, de nós outros na construção de uma Psicologia, de uma Psicoterapia e de uma Pedagogia capaz de respeitar a vida, que valoriza e acredita na mobilização das potencialidades humanas enquanto auto-criação, auto-superação, auto-regeneração, auto-atualização de si e do mundo que lhe diz respeito. Para a construção de uma Psicologia, de uma Psicoterapia e de uma Pedagogia ontológica que leva em consideração os níveis psicossociais e antropológico de uma ecologia das culturas Brasileiras. Nosso trabalho é fruto de uma pesquisa de conclusão de curso em que há uma recontextualização e redefinição de Afonso Fonseca dentro da Psicologia e psicoterapia enquanto teoria, concepção, ética e metodologia de sua prática no sentido de uma integração psico-corpóreo-sócio-cultural. Tal trabalho e experiência teve a honra e o privilégio de contar com a supervisão e orientação de Afonso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
O NIILISMO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: DO HOMEM TEÓRICO- CONCEITUAL AO HOMEM ESTÉTICO NA PERSPECTIVA DE AFONSO FONSECA.....	4
NIETZSCHE E A CONSTITUIÇÃO DO NIILISMO: A PERSPECTIVA DE AFONSO FONSECA.....	9
A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM TEÓRICO-CONCEITUAL: NA PERSPECTIVA DE AFONSO FONSECA.....	13
HOMEM ESTÉTICO: NA PERSPECTIVA DE AFONSO FONSECA.....	18
A LEITURA DE AFONSO FONSECA SOBRE A RELAÇÃO DIALÓGICA E A ALTERNÂNCIA DOS MODOS DE SER EM MARTIN BUBER.....	22
OS MODOS DE SERMOS NA PERSPECTIVA DE AFONSO FONSECA: O MODO DE SER IMPLICATIVO E O MODO DE SER EXPLICATIVO.....	26
ESPAÇO IMPLICATIVO: UMA PSICOTERAPIA COMO PROCESSO PSICO-SÓCIO- CORPORAL.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	41
FENOMENOLOGIA DA GESTALTIFICAÇÃO: UMA CIÊNCIA IMPLICATIVA.....	44
COMENTÁRIOS PARA REGINA E FERNANDA	
SOBRE OS AUTORES.....	51

INTRODUÇÃO

O presente livro tem como tema “Fenomenologia da Gestaltificação: a alternância dos modos de ser como criação, superação, mudança e saúde existencial”. Os tópicos que escrevemos são na perspectiva de Afonso Fonseca¹. O autor faz uma articulação entre Martin Buber e Friedrich Nietzsche, buscando lançar um olhar para uma psicologia que acredita na mudança do humano, mesmo diante de situações difíceis; de quadros desacreditados para um retorno potente da vida. Afonso Fonseca também nos escreve comentários enriquecendo nossas discussões. Tais comentários são colocados como capítulo neste livro.

Iniciamos com Bauman (2004) contextualizando a sociedade atual como uma sociedade das fragilidades dos laços humanos em que predomina os relacionamentos virtuais. Relacionamentos nos quais exigem menos tempo e esforço para se tornarem estabelecidos e também para serem rompidos. Proximidade virtual que, quando no outro tem algo que incomoda, com um simples “clique” ou “delete” a situação de desagrado desaparece.

Segundo Lipovetsky (2007), a sociedade moderna é regida por padrões de vida que são estilos impostos pelo sistema capitalista, por uma pluralidade de produtos que são pensados estrategicamente para satisfação e necessidade do indivíduo. A busca individualista pelo prazer, pelo novo se constitui como uma cultura ordenada pelo efêmero e superficial.

Para Machado (1999), a sociedade moderna é niilista, subjugada pelos valores superiores, valores da decadência. O autor caracteriza a filosofia de Nietzsche como uma filosofia do valor, em uma dimensão crítica ao valor dos valores e sua origem. Conforme Fonseca (2000a) assinala, o homem na sociedade atual, Sócrática e Nihilista, privilegia um modo existencial teórico e conceitual, possui a característica de digital, de objeto e constrói valores abstratos, fazendo a negação das emoções e do corpo.

Ao fazer a crítica do homem atual, Fonseca (2000a) diz que o homem que possui o modo existencial estético dispõe da vivência regular da alternância dos modos de ser no qual potencializa os sentidos, o corpo e constrói seus valores a cada vivência. Que são: Modo da vivência da *ação*, da *tensão*, força no sentido qualitativo, forças plásticas e

1. **Afonso Henrique Lisboa da Fonseca** (CRP 15/0993). Nasceu em 18 de janeiro de 1954. Psicólogo, psicoterapeuta e facilitador de grupos. Foi aluno de Carl Rogers no *Center of Studies of the Person*, de La Jolla, Califórnia, em 1979. Atualmente é professor em Programas de Formação em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-Existencial Dialógica no Brasil, em especial Abordagem Centrada na Pessoa e Gestalt-terapia. É Autor de inúmeros ensaios e possui dois livros de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-Existencial, entre os quais se destaca a sua participação, juntamente com Carl R. Rogers, John K. Wood e Maureen M. O'Hara, na obra: *Em Busca de Vida. Da Terapia Centrada no Cliente à Abordagem Centrada na Pessoa*, de 1983” e *Grupo – Fugacidade, Ritmo e Forma* de 1988. Fundador da Escola Experimental de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial. Gestalt Terapia. Abordagem Rogeriana. Em Maceió – Alagoas.

criativas, forças *poiéticas*, desdobramento de *possibilidades* como formação de *pléxicos*, potência ativa de vida e desdobrar do “vir a ser”, termo mencionado por Nietzsche.

A proposta do trabalho é dizer que, existencialmente, tem-se dupla forma de ser, ou seja: modos de existir cotidianamente e que implicam diretamente o processo de saúde existencial e relacional consigo e com o meio, modos que, em sua alternância regular, resultam em potencialização de vida, superação, mudança e saúde existencial.

Diante do que foi mencionado como sociedade contemporânea, é importante pensar em uma prática profissional na qual o psicólogo possa estabelecer a relação como abertura de espaço para a saúde existencial. Pensar em uma relação na qual o terapeuta tenha postura de um “Tu” provocativo, porém um “Tu” que não é moralista, que não se entrega à causalidade, à dicotomia ou arbitra sobre o outro. Ele deve se colocar como uma pessoa *implicativa*, de forma “*insistencial*” por um “vir a ser”.

Com as seguintes especulações, pretende-se evidenciar a relevância do livro no trabalho psicoterápico e para futuras pesquisas no campo acadêmico. Quanto a compreensão do posicionamento por parte do terapeuta como *modo implicativo*, essa postura possibilita a vivência da dinamicidade dos modos existenciais como atualização compreensiva cognitiva e muscular, para assim promover uma prática efetiva no que se refere à criação, à superação, à mudança e à saúde existencial. Segundo Buber (1982), ser presente para que o outro se torne presença.

Os principais livros referenciados neste trabalho serão: *Amor líquido* (2004) de Zygmunt Bauman; *O império do efêmero* (2009) e *a Felicidade Paradoxal* (2007) de Gilles Lipovetsky; *Eu-Tu* (2001) e *do Diálogo e do Dialógico* (1982) de Martin Buber; *Assim falou Zaratustra* (2014), *Ecce Homo* (1995) e *Além do bem e do mal* (2001) de Friedrich Nietzsche e, por fim, *Psicoterapia e produção cultural* (2006) de Afonso Fonseca, assim como os ensaios² de Afonso Fonseca: *A Explicação e a Implicação compreensiva* (2012), *Implicação e Implexação* (2012), *Realengo* (2011), *Dialógica da Esperança* (1998), *O Criar e a Plasticidade do Passado* (2000), *Cronicidade de predominância da experiência do corpo como objeto, sobre a vivência ontológica do corpo como ação* (2016), entre outros. Em especial, o livro contém um capítulo escrito por Afonso Fonseca no qual ele fala sobre a Fenomenologia da Gestaltificação: uma ciência implicativa. Ele o faz em forma de *Comentários para nós duas em 2017*.

Este livro possui 2 capítulos. O primeiro capítulo foi dividido em 6 tópicos. O primeiro tópico refere-se ao Niilismo na sociedade contemporânea: do homem teórico-conceitual

2. Todos os ensaios e textos do Afonso Fonseca podem ser encontrados no site “Eksistencia”. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia>>. E no aplicativo “Dropbox”. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/sh/mfjl7cut8wlaox1/AABQyfxSFBG5-CYYaTDQsH4ka?dl=0>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

ao homem estético na perspectiva de Afonso Fonseca. O segundo tópico aborda em Nietzsche a constituição do niilismo: A perspectiva de Afonso Fonseca. O terceiro tópico fala da constituição do homem teórico-conceitual: na perspectiva de Afonso Fonseca. O quarto tópico é sobre o Homem estético: na perspectiva de Afonso Fonseca. O quinto tópico falamos da Leitura de Afonso Fonseca sobre a relação dialógica e a alternância dos modos de ser em Martin Buber. O sexto tópico trata sobre os modos de sermos na perspectiva de Afonso Fonseca: modo de ser Implicativo e o modo de ser Explicativo. O sétimo tópico discorremos sobre o Espaço Implicativo: Uma psicoterapia como processo Psico-Sócio-Corporal. E, por fim, Afonso Fonseca traz comentários de algumas de nossas argumentações sobre a “Fenomenologia da Gestaltificação: uma ciência implicativa” que é colocado como capítulo 2. Ele fez os comentários enumerando-os e colocamos em tópicos como forma de organização para o livro. Mas de maneira alguma ousamos em alterar qualquer palavra contida nos comentários.

O NIILISMO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: DO HOMEM TEÓRICO-CONCEITUAL AO HOMEM ESTÉTICO NA PERSPECTIVA DE AFONSO FONSECA

Ao pensar nesse contexto de sociedade em que os vínculos facilmente se desfazem na vivência social e vigora o individualismo, percebe-se que as pessoas rejeitam as relações que têm um sentido de caráter mais profundo, onde prevalecem os “relacionamentos” como um produto de uso quando necessário ou uma mercadoria fabricada com seu tempo de validade, que Bauman (2004) nomeou como “relacionamentos de bolso”.

Segundo Bauman (2004), vivemos, na contemporaneidade, um contexto de fragilização das relações que ele denominou de modernidade líquida, em que os laços humanos são estreitos, instáveis e descartáveis; onde a convivência com pessoas próximas e familiares torna-se indiferente. Para Bauman (2004, p. 9), “seus personagens centrais são homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis”.

Para Afonso Fonseca (2011a) a “vida virtual” não diz respeito à vida conectada, mas a uma vida niilista. Para o autor,

De modo que a *vida virtual* e as suas decorrências, mecânicas e fatalistas, vingativas, e destrutivas, a virtualidade, constituem-se, no vazio, como impotência para criar, para o vir a ser, para a alegria e para a saúde do vir a ser, e do acontecer. Simultânea, e efetivamente, a vida virtual é, em essência, o próprio substrato para o niilismo. Que, dela nutrido, assume as formas de ressentimento, de culpa, e de ideal ascético. A *vida virtual*, e a *virtualidade*, são, especificamente, o substrato próprio para a vingatividade, para a vingança cega e irracional, para a destrutividade – contra o outro, contra o criativamente forte, contra o ativo, contra o vivo, e contra si – que são característicos do niilismo. (FONSECA, 2011a, p. 8, grifo do autor).

Em Bauman (2004) os “relacionamentos virtuais” são formas de se conectar e desconectar do outro de maneira irrelevante, sem danos ou sentimentos de dor. Para o sociólogo Polonês,

(...) os leitores aprendem com a experiência de outros leitores, reciclada pelos especialistas, que é possível buscar “relacionamentos de bolso” do tipo de que se “pode dispor quando necessário” e depois tornar a guardar. Ou que os relacionamentos são como a vitamina C: em altas doses, provocam náuseas e podem prejudicar a saúde. Tal como no caso desse remédio, é preciso diluir as relações para que se possa consumi-las. Ou que os CSSs — casais semiseparados merecem louvor como “revolucionários do relacionamento que romperam a bolha sufocante dos casais”. Ou ainda que as relações, da mesma forma que os automóveis, devem passar por revisões regulares para termos certeza de que continuarão funcionando bem. (Bauman, 2004, p. 11).

O *homem virtual* em ambas perspectivas é uma característica do *homem teórico-conceitual*. O *homem Teórico-conceitual* nega os vínculos, a excitação das emoções na vivência da estética e se justifica nas forças destrutivas, vingativas, impotente para criar, impotente na vivência das relações. Quando se aproxima de algo ou de alguém é na fugacidade dos prazeres do uso e da utilidade. O *homem Teórico-conceitual* que tem característica do modo de ser *virtual*, em seus padrões virtuais de se relacionar, nega o outro e negar o outro é negar a si. O *homem virtual* torna-se alienado¹ enquanto construtor de si. (FONSECA, 2011a)

Na perspectiva de Lipovetsky (2007), o indivíduo busca se enquadrar aos padrões de felicidade, ditos como valores a serem alcançados. Valores e padrões estabelecidos pelo sistema materializados em um manequim de corpo, um padrão de beleza, um estilo de roupa, um corte de cabelo, uma marca de celular, um tipo de jogo, um estilo de música, um status social. Conforme Lipovetsky (2009) é uma forma do sistema regular a vida social. Para este filósofo Francês,

A moda é um sistema original de regulação e de pressão sociais: suas mudanças apresentam um caráter constrangedor, são acompanhadas do “dever” de adoção e de assimilação, impõem-se mais ou menos obrigatoriamente a um meio social determinado — tal é o “despotismo” da moda tão frequentemente denunciado ao longo dos séculos. (Lipovetsky, 2009, p. 37).

Na sociedade em que se valoriza o poder de consumo, o corpo e os relacionamentos também passam a fazer parte dessa (re)produção. É uma contemporaneidade que se movimenta na intensificação pelo imediato e pelos padrões ideários de corpo e de relacionamentos. Segundo Lipovetsky (2007), a sociedade atual como hipermodernidade, tem o consumismo hipertrofiado, manipulado pela publicidade. Conforme o autor,

[...] nos processos intentados contra o cosmo consumista, a publicidade, como se sabe, ocupa um lugar na primeira fila. “Bombardeando” os consumidores, criando necessidades supérfluas, impulsionando continuamente novos desejos de inquisição, identificando a felicidade aos bens mercantis, a publicidade é acusada não apenas de manipular-padronizar-cretinizar as pessoas, mas também de ser uma armadilha diabólica, aprofundando indefinidamente a insatisfação dos indivíduos. (Lipovetsky, 2007, p. 171).

Para Lipovetsky (2007), a sociedade se movimenta no hiperconsumo, porém por sua forma de consumo não abarcar a todos que fazem parte dessa sociedade, há uma

1. Alienado, Alienação – “na filosofia, o conceito de alienação está associado ao vazio existencial e à falta de consciência própria, donde a pessoa perde sua identidade, seu valor, seus interesses e sua vitalidade, ou seja, torna-se uma pessoa alheia a si mesma”. (ALIENAÇÃO..., 2015, p. 1).
“Tudo aquilo que fragmentava o ser humano, que o apartava do mundo, de si mesmo, das coisas que ele criara; tudo aquilo que o separava da consciência que deveria ter, que o transformava quase em um autômato ou em um ‘animal desnaturalizado’”. (BARROS, 2011, p. 236)

exclusão e a formação de estereótipos negativos das pessoas que não conseguem alcançar o ritmo consumista. Ainda segundo esse autor (2007, p. 192) “é assim que a sociedade de hiperconsumo é marcada tanto pela progressão dos sentimentos de exclusão social quanto pela acentuação dos desejos de identidade [...]”.

Reflexionar sobre os padrões impostos pela sociedade, mencionados por Lipovetsky (2007), é perceber que além dos padrões a ser alcançado, há os produtos para se alcançar o padrão, ou seja, tem o padrão e em seguida a ‘medicalização’ ou solução para o problema (cirurgias, cosméticos, produtos fármacos). Padrões que devem ser alcançados como proposta de felicidade e como uma forma de ser aceito socialmente. Para Lipovetsky,

Muitos comportamentos mostram que, no presente, o corpo é considerado como uma matéria a ser corrigida ou transformada soberanamente, como um objeto entregue à livre disposição do sujeito. A cirurgia estética, as procriações *in vitro*, mas também o consumo de psicoterápicos com vista à ‘gestão’ dos problemas existenciais, ilustram essa relação individualista com o corpo. (LIPOVETSKY, 2007, p. 56, grifos do autor).

As pessoas na contemporaneidade têm privilegiado a constituição de si como niilistas, fazem apologia do corpo como ideal e do mundo como ideal. Evidencia-se que esse ideal parte de cada singularidade em relação ao que é ofertado socialmente como algo a ser alcançado, como proposta de felicidade. E que ao pautarem suas escolhas nesses modelos, não refletem o “porquê” de escolhe-los, e aos poucos se tornam autômatos de si, submetidos ao sistema. Conforme Nietzsche (1995), a sociedade é subjugada pelos valores superiores e morais. Tais valores são decadentes e, por conseguinte, desprezam o corpo e negam os instintos mais básicos do indivíduo.

A negação da vivência enquanto aceitação de si e concretude existencial torna a pessoa alienada, impotente. O físico quando diferente do padrão midiático é um corpo não aceitável de forma social. A sociedade contemporânea niilista privilegia o corpo sem finitude, ou seja, que não envelheça, que não tenha defeito. O homem contemporâneo niilista e seu sofrimento mental em busca de um ideal, tem como proposta para ser feliz o hiperconsumo em busca do que denominamos de hiperfelicidade² – que é uma das características do *homem teórico-conceitual* e que segundo Lipovetsky (2007, p. 201), “o fato está aí: quanto mais triunfa o consumo-mundo, mais se multiplica as desorganizações da vida mental, o sofrimento psicológico, a dificuldade de viver”.

2. Hiperfelicidade – É uma busca exagerada por uma felicidade dita como perfeita. Essa busca idealizada de felicidade passa a ser desejada segundo a singularidade de cada pessoa. É uma busca que faz a negação de qualquer tipo de auto realização, ou da atribuição de valores as coisas ou momentos vivenciados pela pessoa. A felicidade é sempre algo que está além para ser alcançada. E o momento é negado enquanto sentido. A hiperfelicidade é uma busca incansável pela felicidade na qual a pessoa se torna alienada de si e do mundo. Alienada de suas necessidades enquanto satisfação e prazer e na produção de sentido. A hiperfelicidade inviabiliza as possibilidades de relação dialógica.

O *homem virtual*, na perspectiva de Afonso Fonseca (2011 a), programa sua satisfação naquilo que o sistema propõe como objetivos ideais e, por sua forma estática nesse modo de ser, ele se torna apático e alheio a si mesmo. Em Bauman (2004) entendemos os relacionamentos conectados como um modo de ser existencial e com Lipovetsky (2009) como os modos de produção do imediato ou modelo moda também passam a ser modelo existencial. Nessas perspectivas, os valores passam a ser pensados a partir dessa lógica. Em Machado (1999) temos uma perspectiva onde ele coloca que os valores são construídos por cada pessoa e não prescrito por alguém. Conforme o filósofo brasileiro,

Os valores não têm uma existência em si, não são uma realidade ontológica; é o resultado de uma produção, de uma criação do homem: não são fatos, são interpretações introduzidas pelo homem no mundo. Tudo o que tem algum valor no mundo atual não o tem em si, não o tem por sua natureza--a natureza é sempre sem valor--mas um dia ganhou valor, como um dom, e nós somos os doadores. Fomos nós que criamos o mundo que diz respeito ao homem! (MACHADO, 1999, p. 59-60).

O ser como construtor de sentido perde sua prioridade, dando espaço para um suposto outro dizer sobre mim, sobre o que deve fazer sentido ou como sabedor da resolução dos meus conflitos. Submete-se a um papel social que omite a si mesmo, o impulsionando para a *desconscienciação*, termo usado por Fonseca (2012a) para caracterizar um comportamento padronizado, uma atitude na qual a pessoa não é consciente de si como repetições. Segundo Fonseca,

O comportamento, como modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva é, mais propriamente, uma forma de desconscienciação. A atividade padronizada e repetitiva caracteriza o comportamento. Quanto mais padronizada e repetitiva a atividade, quanto mais comportamental, portanto, menos consciente. (FONSECA, 2012a, p. 13).

A sociedade niilista não cria seus valores, mas faz introjeção e busca os valores mencionados pelo outro e constitui o *homem teórico-conceitual*. O homem em sua busca incessante pelo 'ter', o 'ter' que rejeita o 'ser' como consciência e realização nessa busca; é o ter algo para ser feliz, e o processo do alcance como produção de sentido e alegria é rejeitado. Lipovetsky assinala que,

Controlar a esfera das necessidades, condicionar o consumidor, tirar-lhe o poder de decisão para transferi-lo à empresa, essa é a função da publicidade. Sufocando o consumidor sob um dilúvio de imagens da felicidade, prometendo-lhe saúde e beleza, a publicidade é o que cria e recria as necessidades que o aparelho produtivo procura satisfazer. (LIPOVETSKY, 2007, p. 172).

Ou seja: o homem em sua individualidade excessiva, faz escolhas alienadas e manipuladas pela mídia, estabelecendo relações virtuais, negando a vivência do corpo e

dos sentidos para viver uma hipertrofia nesse modo de ser do homem teórico-conceitual. A vivência estética passa a ser contestada na relação que a pessoa estabelece com o mundo com mais intensidade e a atualização do *homem teórico-conceitual* torna-se precária, de modo que, quanto mais precária a alternância entre os modos de ser, mais psicopatologias na sociedade.

NIETZSCHE E A CONSTITUIÇÃO DO NIILISMO: A PERSPECTIVA DE AFONSO FONSECA

No primeiro tópico, apresentamos uma breve constituição de homem e sociedade e agora com Afonso Fonseca (2000b), a partir da perspectiva de Nietzsche, ele fala que o homem é constituído por forças. Forças que, na fisiologia da potência, são denominadas de instintos inconscientes, que são impulsos, pulsão, impulsões. Ou seja, uma quantidade de força é uma quantidade de impulsos, vontade que Nietzsche denomina potência, intensidade. Conforme Afonso Fonseca (2000b, p. 5) “para Nietzsche, todo o ser, todos os seres, coisas, pessoas, vivências, situações, compõem-se de forças, vontades, vontade. Forças ativas, forças reativas. Vontade de potência”.

O mesmo autor (2000b) diz que há a existência de vários instintos, ou multiplicidades de instintos diferentes. Essa multiplicidade de instintos integra um conjunto de forças, forças essas que estão sempre em relação umas com as outras, onde uma se sobrepõe à outra em argumentação, competição e dominância. Segundo Machado (1999, p. 90) “entretanto, rigorosamente, o instinto não existe; o que há são instintos múltiplos e heterogêneos”.

Segundo Afonso Fonseca (2000b), na perspectiva de Nietzsche a animalidade como fisiologia da potência ativa, como afirmação da vida, é fundamentalmente a perspectiva dos instintos, um sistema hierarquizado de forças em relação. O homem é constituído de potências que podem ser positivas ou negativas. Força de potência ativa ou força de potência reativa. Para o autor,

Vontade de potência que pode assumir a sua forma de auto-negação e vingança. A vontade negativa de potência, vontade de nada, o niilismo. Mas que nas suas formas ativas é vontade afirmativa de potência, força criativa, que conquista, que e-labora, inventa, constrói, futuriza-se, devir. (FONSECA, 2000b, p. 5).

Afonso Fonseca (2000b) relata que há a força de potência ativa, forças que em seus desdobramentos podem se autocontradizer, pois na medida em que se bifurcam, a força é investida como negação, manifestando-se como vontade de potência reativa ou negativa. A vontade de potência negativa é a vontade do nada, a redução da potência para o nada, o Niilismo. Para Deleuze (1976),

Nihil” significa valor da nada; não é o “não-ser”. A vida toma um valor de nada na medida em que é negada, depreciada, e isso supõe sempre uma ficção, pela qual se opõe algo à vida. A idéia de um outro mundo, de valores superiores à vida, é o elemento constitutivo de qualquer ficção. Tais valores referem sempre a uma vontade de negar – que é ainda uma vontade, *Nihil no niilismo significa a negação como qualidade da Vontade de Poder*. No seu primeiro sentido, niilismo significa, portanto, vontade de nada que se exprime em valores superiores. (DELEUZE, 1976, p. 49, grifos do autor).

Para Afonso Fonseca (2000b), a absorção da criação é o não criar. Observa-se como modo de “ser” a predominância do reativo em uma moral, o “ter” ou “maneira imposta de ser”, os valores criados pela sociedade, como valores superiores. Conforme Lipovetsky (2009) assinala, a pessoa se coloca em sujeição a um molde e pauta sua escolha partindo da escolha da reprodução de modelos ofertados pelo sistema. De acordo com Afonso Fonseca (2011a), a pessoa se torna ressentida e sem autonomia de autorrealização.

As três características do niilismo são ressentimento, culpa e ideal ascético. A primeira característica é o ressentimento. O ressentido tem a necessidade de construir uma imagem desse outro, na qual a constituição do outrem é como um ser ruim, mau. O ressentido ao fazer uma comparação de si em relação a essa imagem ruim desse outro, parte dessa comparação para se entender ou se dizer como bom (FONSECA, 2000b). Conforme Nietzsche (1995, p. 19), “o ressentimento, nascido da fraqueza, a ninguém mais prejudicial do que ao fraco mesmo”.

Nessa constituição do outro como mau (em específico, como forte), o fraco se percebe enquanto bom e surge sua vontade de vingança. Para Afonso Fonseca (2000b, p. 5), “na sua forma negativa, niilista, a vontade configura-se, no limite, como uma loucura vingativa”, e se apresenta como ressentimento em sua impotência diante do passado, onde sua forma de valorização e de desfrutar de si é na autonegação em potência, na sua vontade vingativa e de destruição (FONSECA, 2000b).

A segunda característica do niilismo é a culpa que se mostra como forma de inferiorização, de desvalorização, insignificância. Sentimento de culpa contra o próprio ressentido. O outro constituído como mau se torna centro de sua vontade de vingança. O ressentido passa a se identificar como mau e culpado. Conforme Fonseca (2000b, p. 5), “constituindo-o a ele próprio, agora, como objeto específico de sua vingatividade, vingatividade agora retrofletida: mau: agora ele próprio o culpado e a culpa”.

Para o mesmo autor (2000b), a terceira característica do niilismo é o ideal ascético que se põe como uma desvalorização da vida. Segundo Nietzsche (2014, p. 71), “há pregadores da morte; e a terra está repleta de gente à qual deve pregar-se que abandone a vida!”. O ideal ascético se apresenta com uma negação do corpo e uma não aceitação da própria vivência como ela é enquanto existência. Declara que a vida é um erro. Afirma e sustenta que o “mundo do além” ou “além mundo” é o que serve para viver. Pois o ‘mundo do além’ é o ideal por não ter uma constituição de mau.

O que se posiciona como coisas mais destrutivas, mencionadas por Nietzsche [2001?], são os valores morais como absolutos e o metafísico como valores verdadeiros que criam uma ciência como verdade superior (verdade posicionada como além). Segundo

Afonso Fonseca (2000a), verdade que se coloca como inflexível, fixa, rígida e inacessível à consciência, uma verdade pura que é colocada como ideal para ser alcançada, uma vontade de verdade. Para o Nietzsche,

Pode ser que, em certos casos, essa “vontade do verdadeiro” chegue a formar parte do jogo; o que não deixaria de ser uma extravagante toleima, e aventureira, um orgulho metafísico empenhado em manter uma posição perdida e que sempre preferiria uma mancheia de “certeza” a uma carrada de insossas possibilidades. Também pode acontecer que existam fanáticos da consciência, puritanos que preferem morrer sobre uma vã ilusão e não sobre uma incerta realidade. Mas isto não só é nihilismo, mas também sintoma de uma alma que se sente desesperada e fatigada até a morte. (NIETZSCHE, [2001?], p. 18).

No contexto de sociedade contemporânea, o homem não aceita a dor e o sofrimento como partes da existência, tornando-o niilista. Segundo Bauman (2004), é uma das coisas que torna os relacionamentos superficiais, o medo de sofrer. As pessoas não afirmam como condição humana o sofrimento e tentam substituí-lo por coisas, ou pessoas, ou buscam um diagnóstico e em seguida uma prescrição com medicações que possam se aliviar. Conforme Nietzsche (2014, p. 115), “criar – essa é a grande redenção do sofrimento, e o que torna a vida mais leve. Mas, para que o criador exista, são deveras necessários o sofrimento e muitas transformações”. Segundo Afonso Fonseca,

A vida, em particular o retorno da força criativa, alegre, e saudável da vida, nos incita, e exigem, à afirmação saudável e potente da finitude e do sofrimento – para a potencialização de seu retorno, a afirmação da vida em sua originalidade pré-reflexiva própria. Nietzsche nos advertiria de que, obviamente, não temos, enquanto humanos, a prerrogativa de não sofrermos, e de não incorporarmos o sofrimento. Apenas podemos optar -- nos momentos dos sofrimentos e das finitudes inevitáveis – de sofrer, e finarmos-nos, na impotência – com as sequelas da loucura vingativa do ressentimento, da culpa, e do ideal ascético -, ou sofrermos e finarmos-nos com uma superabundância de forças de vida, potencializando o retorno das forças originárias de vida, e suas implicações de saúde existencial, e alegria. (FONSECA, 2011a, p. 7).

Afonso Fonseca (2000b) ressalta que “o acaso”, “o aconteceu” e “o foi assim” são temas inevitáveis e decisivos na filosofia da vida de Nietzsche, pois a não afirmação do acaso é constituir o niilismo. O acaso é parte fundamental e que não se pode escapar como condição humana. O aconteceu, o passado é colocado como inverso ao senso comum, pois o passado está adiante, é como uma espécie de futuro, o passado existe na medida em que se cria no presente. O passado é após o presente. O presente é criação, força, acontecer, já o passado é fato, feito, acontecido e esgotamento de forças.

O acaso não é negado na filosofia Nietzscheana, mas afirmada. Afirmação que não leva a submissão do acaso, mas ele declara que a vontade dele é senhora do acaso.

Vontade criadora que não se justifica na loucura vingativa e autonegação, mas se autoafirma como passagem para o futuro e transformação do passado na vivência intensa do presente regenerando, ressignificando, *homem estético* que supera o passado. O segredo da plasticidade do passado é a vontade afirmadora (FONSECA, 2000b). Conforme Nietzsche,

E isso é tudo a que aspira ao meu poetar: juntar e compor em unidade o que é fragmento e enigma e horrendo acaso. E como suportaria eu ser homem, se o homem não fosse, também, poeta e decifrador de enigmas e redentor do acaso! Redimir os passados e transformar todo "Foi assim" num "Assim eu o quis" – somente a isto eu chamaria de redenção! Vontade – é este o nome do libertador e trazedor de alegria: assim vos ensinei meus amigos! Mas, agora aprendei também isto: a própria vontade ainda se acha em cativo. O querer liberta: mas como se chama aquilo que mantém em cadeias também o libertador? "Foi assim": é este o nome do ranger de dentes e da mais solitária angústia de vontade. Impotente contra o que está feito e ela um mal espectador de todo o passado (NIETZSCHE, 2014, p. 172).

Enquanto vida, são inevitáveis a finitude e o sofrimento. Negá-los é viver na impotência do niilismo. Porém, quando afirmados e aceitos, não causa exatamente a melancolia, mas afirmação do momento como contínuo processo de devir e autossuperação pela força de vontade, força para criar, forças plásticas. Forças que são inerentes à existência. É a potencialização do 'eterno retorno' e da criação, denominado por Nietzsche a grande saúde (FONSECA, 2000b).

O homem niilista não quer se responsabilizar e nem suportar suas emoções, nem o tempo de suas emoções, se posicionando como se fosse caracteristicamente digital, cronometrados em um *tempo teórico-conceitual*. Os homens contemporâneos niilistas aspiram viver a rapidez tecnológica; como se fossem uma invenção robótica com respostas e resoluções imediatas, segundo Afonso Fonseca (2011a), reprimindo, negando seu tempo e fragilidades enquanto homem.

A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM TEÓRICO-CONCEITUAL: NA PERSPECTIVA DE AFONSO FONSECA

Partindo do que foi mencionado sobre as fragilizações das relações e os modelos padronizados como forma de existência e de inclusão nos grupos sociais, compreende-se que a vida social passa a se constituir em demasia no modo de ser que degenera a vida. Ao descrever o modo *teórico-conceitual* evidencia-se que não há mal em viver esse modo de ser, mas o predomínio do *teórico-conceitual* é tornar-se inativo para criação de novas formas psicológicas e materiais, é cristalizar-se na negação das forças estéticas, é se tornar impotente no niilismo.

A impotência, e o niilismo – nas suas formas vingativas, e des-trutivas, do ressentimento, da culpa, e do ideal ascético --, são os resultados da sistemática e insidiosa recusa à vida; são os resultados da sistemática e insidiosa negação da vida, da negação do corpo, da negação do outro, e da negação do mundo; da negação de seus sentidos, da negação dos modos originários de sua vivência, como potência, como sentido, como alteridades, e como parceiros dialógicos da ação. (FONSECA, 2011a, p. 4).

Quando se possui a permanência no modo de ser do *homem teórico-conceitual* a vida passa a ser conduzida pelo pensamento dialético de Hegel e segundo Deleuze (1976) o dialético possui como conceito de vida o poder da negação que é manifestada na oposição e contradição do diferente; possui como idealização a valoração do sofrimento e da tristeza. É o valor pelas paixões tristes como princípio prático. A vida precisa ser justificada.

O sofrimento que acusa a vida, que faz dela algo que deve ser justificado. O fato de haver sofrimento na vida significa, para o cristão, que a vida não é justa, que é culpada, que deve pagar pelo sofrimento – como?: com o próprio sofrimento (o que forma a “má-consciência”). Tal define o niilismo cristão, isto é, sua maneira própria de negar a vida. Mesmo o amor cristão não se opõe à esse ódio, como quer o dialético: a alegria cristã é a alegria de “resolver” a dor, interiorizando-a e assim oferecendo-a a Deus (DELEUZE, 1976, p. 9).

O *homem teórico-conceitual*, quando estático nesse modo de ser, só busca afirmação de si negando o outro e possui como justificativa a vingança. Segundo Deleuze (1976) o pensamento dialético de existir vê o diferente invertendo sua imagem, substitui a afirmação do diferente pela negação.

A dialética remete a um modo de existência de forças esgotadas, que não tem a força de afirmar sua diferença, perdendo a atividade e apenas reagindo às forças que a dominam; daí fazer passar ao primeiro plano a negação em sua relação com o outro. A própria relação do senhor e do escravo não é, em si mesma, dialética: é o escravo quem a enxerga assim. (DELEUZE, 1976, p. 7)

Conforme Deleuze (1976) a negação do diferente são conjuntos de forças reativas. O dialético de Hegel privilegia a consciência infeliz. Sua reação é contra a vida, vida na qual pretende jogar, limitar; é o pensamento do escravo onde a própria vida é reativa, onde seu devir é reativo. Faz o trabalho do negativo, segundo Deleuze (1976, p. 7) “é nesse sentido que existe um empirismo em NIETZSCHE, baseado no prazer de afirmar a própria diferença (em oposição ao ‘trabalho do negativo’ na dialética).”

O *homem teórico-conceitual*, quando não alterna para o modo de ser do homem estético, tem característica de uma consciência subordinada a algo, consciência que faz do ser um objeto de utilidade, do uso, da serventia, da preservação, da modelagem, do costume, das repetições. A predominância da consciência do modo de ser *homem teórico-conceitual* é uma consciência inativa para a criação, pois a força que o move, são forças reativas, é a força da coisa que precisa ser atualizada nas forças ativas e, para Deleuze (1976, p. 16), “é assim o servilismo da consciência: testemunha apenas “a formação de um corpo superior.”

O problema do corpo não se dá entre mecanicismo e vitalismo (ambos apoiados apenas nas forças reativas), mas na descoberta das forças ativas, sem as quais as próprias reações não seriam forças. A atividade necessariamente inconsciente das forças é o que faz do corpo algo superior à toda reação. As forças ativas são o que faz do corpo um “eu”. A verdadeira ciência é a da atividade, mas a ciência da atividade é também a do inconsciente necessário. É absurdo a ciência seguir os caminhos da consciência; tal ideia nos remete antes de mais nada à moral. (DELEUZE, 1976, p. 17)

O *homem teórico-conceitual*, em seu privilegiamento enquanto modo de existir, tem como característica do homem científico, científico no sentido de construir ciência nas forças reativas de sua consciência. Segundo Deleuze (1976, p. 19), “a ciência, por vocação, compreende os fenômenos a partir das forças reativas; o triunfo das forças reativas é o instrumento do pensamento niilista.” O *homem teórico-conceitual* é o que vive no mundo da causalidade, da fatalidade, do destino, é o que vive no mundo fragmentado, da dicotomia, do arbitrário, da negação do acaso e da necessidade de eterno retorno. (FONSECA, 2014)

Entretanto, em épocas mórbidas, acontece que o mundo do Isso, não estando mais penetrado, e fecundado pelos eflúvios vivificantes do mundo do Tu, não passando de algo isolado e rígido, fantasma surgido do pântano, oprime o homem. Nele o homem, contentando-se com um mundo de objetos, que não lhe podem mais tornar-se presença, sucumbe. Então, a causalidade fugaz, intensifica-se até tornar-se uma fatalidade opressora e esmagadora. (BUBER, 2001, p. 84)

Todo *homem teórico-conceitual* tem a necessidade de ser atualizado pelo homem estético e todo homem estético finda-se no *teórico-conceitual*. Assim, quando não há a

alternância regular nesses modos de ser a pessoa se torna impotente pelo arranjo das forças reativas, forças do ressentimento e da loucura vingativa. O *homem teórico-conceitual* possui o caráter do teórico e Afonso Fonseca (2012b) descreve o teórico na perspectiva de Nietzsche como um modo científico de existência. A busca pela teoria é uma busca de verdade, de ciência, de um valor superior.

De um modo geral, a educação na cultura da Civilização Ocidental assumiu um caráter abstrato, teórico, de privilégio de funções intelectivas, abstratas, um caráter alienado e alienante do fenomenológico existencial, do corpo, e da existência, da ação, da atualização. (FONSECA, 2014, p. 1).

O modo de ser do *homem teórico-conceitual* se limita apenas à objetivação e subjetivação, confina-se somente a atividade relacionada a uma coisa, constitui-se apenas em: eu vejo algo como coisa, experimento algo como coisa, represento algo como coisa, eu quero algo como coisa, eu sinto ou preciso de uma coisa, traduz-se só nisso. O *homem teórico-conceitual* é passado, é a coisa, é a força que não cria. E tem característica do modo de ser do Eu-Issso usado por Buber (2001).

O *homem teórico-conceitual*, quando contínuo nesse modo de ser, se torna impassível de vivenciar a sensibilidade emocionada e privilegia os valores abstratos e metafísicos. Constitui-se em quanto tal fazendo a negação de suas emoções e do corpo; vive em busca dos padrões como verdade para sua existência. É a ciência da verdade como modelo de existência. É um homem que vive de representações de tudo que se formou em passado, pois o presente é formação, é apresentação das forças que atualizarão o passado, apresentação de forças que criarão novas formas.

Pela relação entre vontade de verdade e vontade de potência. A vontade de verdade, que é a crença de que nada é mais necessário do que o verdadeiro, de que o verdadeiro é superior ao falso, de que a verdade é um valor superior – crença que funda a ciência e constitui a essência da moral e da metafísica. (MACHADO, 1999, p. 11).

O *homem teórico-conceitual*, quando exclusivo nesse modo de ser, tem por exclusividade o individualismo, os padrões e modelos; vive a busca de valores, que são como regras a serem seguidas, são projetos de vida como proposta de felicidade e que se tornam uma hiperfelicidade. São buscas incessantes pelo “ter”, pelo uso de tudo que o cerca e sua condição de “ser” enquanto força ativa, forças plásticas criadoras, regeneradoras, forças da alegria, forças da atualização e da criação de novos sentidos se torna comprometido. É o homem que não supera a si mesmo e nem suas questões.

Desde que se isola um ideal da realidade se rebaixa, se empobrece, se calunia o real. 'O Belo pelo Belo', 'o Verdadeiro pelo Verdadeiro', 'o Bem pelo Bem' - eis três formas de um mau olhar para o real."Crítica da identidade estabelecida pela metafísica entre esses valores: "A maior de todas as trapaças e enganos: identificar bom, verdadeiro e belo e representar esta identidade. (MACHADO, 1999, p. 85)

O *homem teórico-conceitual* por se interromper nesse modo de ser não ampliar a compreensão de si e do mundo, mas permanece estagnado nas coisas psicológicas e materiais, nos fatos, para Buber (2001, p. 87) "a única coisa que pode vir a ser fatal ao homem, é crer na fatalidade, pois esta crença impede o movimento da conversão."

O *homem teórico-conceitual* por não viver as emoções criadoras, o ser devir, ele vai se constituindo alienado, impotente no niilismo, nega as pessoas e o mundo como eles são. Nega as relações pela dialética de Hegel. Para Deleuze, relação é força ativa, de modo que "a relação nietzschiana de uma força com outras não é nunca dialética, pois o que caracteriza esta é o papel do negativo na relação, não simplesmente uma relação entre o uno e o outro, e em NIETZSCHE, a relação é de afirmação, não de negação." (Deleuze, 1976, p. 6)

O *homem teórico-conceitual* nega a dialógica, conceito usado por Buber (2001) para se referir a 'relação inter-humana', 'relação não-humana' e 'relação com o sagrado. O *homem teórico-conceitual* prioriza o mundo inteligível, racional, o mundo onde tudo é explicado. O *teórico-conceitual* tem caráter do modo de ser explicativo concepção usado por Afonso Fonseca (2012a).

Esta perspectiva constitui-se de um modo marcante, na filosofia moderna, nas perspectivas e concepções da filosofia da vida de F. Nietzsche. Que elege o vivido como critério superior de produção da verdade e dos valores. Uma vez que é a verdade produzida a partir desta identificação com o vivido que permite a potencialização da vida, a promoção de uma superabundância de forças de vida e a potencialização da criatividade. (FONSECA, 2012b, p. 1).

A pessoa inveterada na experiência do modo de ser como *homem teórico-conceitual* faz a distorção do corpo, de sua imagem e das imagens que lhes são apresentadas. Ou seja, a relação que possui consigo e com o ambiente é perturbada, disforme, deformada e a 'relação inter-humana' não acontece. Segundo Buber (2001), a desvinculação da dialógica é fato que tem proporcionado sérios conflitos existenciais. Para o autor,

A única coisa importante é que, para cada um dos dois homens, o outro aconteça como este outro determinado; que cada um dos dois se torne consciente do outro de tal forma que precisamente por isso assuma com ele um comportamento, que não o considere e não o trate como seu objeto mas como seu parceiro num acontecimento da vida, mesmo que seja apenas uma luta de boxe. E este o fator decisivo: o não-ser-objeto. (BUBER, 1982, p. 137).

O modo de ser, como *homem teórico-conceitual* quando radicado, é uma persistência no passado, no aconteceu, no fato, nas fatalidades acontecidas onde nada é superado. Esse modo de ser por não haver desdobramento de forças ativas, mas reativas, a pessoa possivelmente se torna potencializada nos distúrbios psicológicos, na violência, na destrutividade, podendo fazer o uso abusivo de drogas e também pode ser um suicida.

Apenas podemos optar – nos momentos dos sofrimentos e das finitudes inevitáveis – de sofrer, e finarmo-nos, na impotência – com as sequelas da loucura vingativa do ressentimento, da culpa, e do ideal ascético –, ou sofrermos e finarmo-nos com uma superabundância de forças de vida, potencializando o retorno das forças originárias de vida, e suas implicações de saúde existencial, e alegria. (FONSECA, 2011a, p. 7).

Ser *homem teórico-conceitual* em demasia e contestar a alternância dos modos de ser enquanto existência é afastar-se da saúde existencial, da vivência das forças ativas, criadoras, forças que potencializam o eterno retorno que, segundo Afonso Fonseca (2012a), são forças do modo de ser da implicação.

HOMEM ESTÉTICO: NA PERSPECTIVA DE AFONSO FONSECA

Para que haja uma compreensão do estético, se faz necessário uma breve apresentação da origem da palavra. Afonso Fonseca (2012a) descreve que na Grécia, por seu povo ser marítimo e a maior parte navegante e insular, os gregos observavam os ventos e, especificamente, os tipos de ventos que eram favoráveis para as grandes navegações.

Afonso Fonseca (2012a) fala que eles identificaram um vento que impulsionava as velas dos navios para que eles se fizessem ao mar. Este vento era chamado de *estesio*. Vento da comoção.

Os Gregos pensaram o impulsionamento inerente à vivência da sensibilidade – a pressão da ex-pressão, da tensionalidade da vivência fenomenológica, fenomenativa, da ação, vivência do desdobramento cognitivo de possibilidades, que se constituem compreensivamente – como o impulsionamento por um vento. (FONSECA, 2012a, p. 1).

Afonso Fonseca (2012a) diz que o vento *estesio* é chamado também de estesia por ser uma pulsão, impulsão, expulsão de possibilidades enquanto força, uma comoção, moção da vivência de tudo quanto é possível. É viver a tensão da presença, é um deportar do passado. A estesia é o que constitui o estético, ethos da estesia. Para Afonso Fonseca (2012a, p. 1), “na propriedade de sua vivência, o ethos da estesia, a est-ética, é, assim, uma *ventura*”.

A ação como vivência da momentaneidade instantânea da ventura do possível, como ventura do desdobramento de possibilidades, é uma aventura, um modo de sermos à ventura, do impulsionamento e da incerteza do possível, do impulsionamento e da incerteza do desdobramento de possibilidades. (FONSECA, 2012a, p. 1).

O *estético* conforme assinala Afonso Fonseca (2011b) é o que vivencia a sensibilidade emocionada não abstrata, abstraída, ou seja, não se posiciona como observador, *expectador*¹, avaliador de características que o torna alheio às emoções.

O estético, o modo estético de sermos, é, assim, atualidade e presença. É o modo de sermos da ação, da atualização. Porque é, todo ele, impregnado de possibilidade e de ação; é animado pela força da possibilidade e de seu desdobramento, no que entendemos como ação, atualização, inter-pret-ação (especificamente compreensiva). (FONSECA, 2011b, p. 1).

1. Expectador ou Espectador – No modo *explicativo* de sermos somos espectadores, não somos atores. Porque o modo explicativo de sermos não é o modo de sermos em que vivenciamos a ação. Não é o modo de sermos em que vivenciamos possibilidade, e o desdobramento, em ação, de possibilidades. No modo explicativo de sermos, somos espectadores. E é isto exatamente que é o significado de *teorético*. A inatividade da *contemplação*. (FONSECA, 2012a, p. 14, grifos do autor).

Afonso Fonseca (2011b) descreve que o *estético* é a vivência imediata do corpo e dos sentidos, o que não exclui o *abstrato*, o *teórico*, o *conceitual* ou *comportamental*, mas os aperfeiçoam. E na medida em que o corpo é vivenciado como ser, é um corpo que se atualiza e se desvincula das distorções de si. Para o autor (2013, p. 1, grifo do autor) “o modo de sermos da vivência ontológica é **estésico**, uma vez que é vivência imediata, que não é abstrato (como a consciência conceitual, teórica), e é imediatricidade de vivência de corpo e de sentidos”.

Estético - De *ethos*. De estesio. Ética da *estesia*. Do modo de sermos da vivência de forças plásticas, criativas. O vento estesio era moção que impulsionava as velas dos navios ao fazerem-se ao mar. Os gregos associaram a vivência de possibilidades que é característico do modo de sermos fenomenológicos existencial da ação, as forças da vivência que devém como ação, eles identificaram o impulsionamento dessas forças com o impulsionamento da moção na qual se constitui o vento estesio. De um modo tal que o modo de sermos da sensibilidade, o modo de sermos da vivência das possibilidades, da ação (FONSECA, 2012a, p. 29, grifo nosso).

Descrever o modo de ser como *homem estético*, é compreendê-lo como homem que faz a afirmação da vida, que não nega o acaso, o sofrimento, a finitude, que não nega as relações, que vive a amplitude das possibilidades, que se realiza em seus projetos, que vive constantemente na produção de sentido, que é consciente de si e do outro, que faz a aceitação de sua concretude existencial como ela é e que cria e recria em sua realidade diante do que é possível.

Eis aqui toda substância ígnea de minha capacidade de vontade em um formidável turbilhão, todo o meu possível girando como um mundo em formação, como uma massa confusa e indissolúvel, eis os olhares sedutores das potencialidades flamejando de todas as partes; universo como tentação, e eu, nascido em um instante, as duas mãos imersas numa fornalha para apanhar o que aí se esconde e me procura. (BUBER, 2001, p. 83)

O *homem estético* vive o trágico, segundo Deleuze (1976) as forças apolíneas são forças do princípio da individualização, que faz a construção da bela aparência para se libertar do sofrimento. As forças dionísicas são forças que fazem a absorção do indivíduo no ser de originalidade, ou seja, retorno nas forças primárias onde soluciona a dor da individuação em um prazer superior da superabundância de forças ativas.

Ainda conforme o autor (1976), Dionísio não nega o sofrimento, mas faz sua afirmação como momento de devir. Segundo Deleuze (1976, p. 8), “a tragédia é esta reconciliação. DIONÍSIO é o fundo trágico (o único personagem trágico é DIONÍSIO; entram em cena suas dores), que se resolve sob uma forma e num mundo apolíneos (e daí o drama).”

A alegre mensagem nietzschiana é o pensamento trágico: porque o trágico não reside nas recriminações do ressentimento, nos conflitos da má consciência ou nas contradições de uma vontade que se sente culpada; tampouco o trágico é a luta contra ressentimento, má-consciência e niilismo. Trágico = alegre. Ou, de outro modo: querer = criar. O trágico é positividade pura e múltipla, alegria dinâmica. Trágica é a afirmação: porque afirma o acaso, e do acaso, a necessidade; porque afirma o devir, e do devir, o ser; porque afirma o múltiplo, e do múltiplo, o uno. (DELEUZE, 1976, p. 15)

O *homem estético* é o que faz a afirmação do acaso e vive a necessidade do devir. Segundo Deleuze (1976) o acaso são forças ativas em desdobramento de tudo quanto é possível e que a cada acaso afirmado há a necessidade do eterno retorno Deleuze (1976, p. 12) “e sim dois momentos de um mesmo mundo, a hora em que os dados são lançados [terra], a hora em que caem os dados [céu]. O lance de dados afirma o devir e o ser do devir.”

O autor (1976) fala do lance de dados, um jogo na perspectiva de Nietzsche e que possuem dois momentos. Onde o primeiro momento é o lançar de dados, e o segundo momento é o cair dos dados. O lance de dados afirma o devir e o ser devir que o produz enquanto tal. Os dados que são lançados uma vez, há neles a afirmação do acaso, força que produz a combinação da necessidade, necessidade do retorno das forças.

Conforme Deleuze (1976) na perspectiva de Nietzsche, o mal jogador dispõe de vários dados e da combinação em probabilidade e causalidade, faz a combinação pensada em um fim. Abole o acaso. O mal jogador é direcionado pela razão, pela vingança, pelo ressentimento no lance de dados repetidos e na crença pelo fim da má-consciência.

Falha-se o lance de dados porque não se afirmou *suficientemente* o acaso numa vez, para que se produzisse o número fatal que reúne necessariamente todos os fragmentos e que, necessariamente, conduz o lance de dados. NIETZSCHE substitui a oposição/síntese causalidade-finalidade pela correlação dionisiaca acaso-necessidade. (DELEUZE, 1976, p. 12)

O modo de ser do *homem estético* é o que se desdobra nessas forças do acaso e que em seu universo não há qualquer fim, ou objetivo, ou utilidade, ou causa e efeito. O que há é a relação de múltiplas forças criativas em uma multiplicidade de possibilidades no que é possível enquanto ser. A vivência do *homem estético* é esse impulsionamento de forças que produz a formação e atualização da vida fatalista do *homem teórico-conceitual* e que carece estar em constante atualização. E o modo de ser *teórico-conceitual* necessita do retorno das forças do *homem estético* para que não seja um modo de ser violento.

A presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós. Objeto não é duração, mas estagnação, parada, interrupção, enrijecimento, desvinculação, ausência de relação, ausência de presença. O

essencial é vivido na presença, as objetividades no passado. (BUBER, 2001, p. 58)

Se experienciar no modo de ser do *homem estético* é afirmar a dialógica, o mundo das relações, é afirmar a própria vida e a do outro, é a afirmação do diferente, é a vivência da sensibilidade emocionada, da hermenêutica compreensiva, da regeneração; é a vivência do presente, da apresentação das forças enquanto devir. O *homem estético* é a metamorfose do *homem teórico-conceitual*. O *homem estético* é o movimento da ação, da comoção do deporto do *homem teórico-conceitual*.

O modo de ser como *homem estético* é o homem que busca reconhecimento e a vida social sem a perversão ou distorção dos fatos e de sua imagem. O *homem estético* vivencia a presentificação, é o que elabora e reelabora, é o que vive a força da criação das coisas psicológicas e materiais. O *homem estético* é o que vive a grande saúde. Assim, é importante esclarecer que é impossível viver apenas nesse modo de ser, pois são momentos instantâneos, mas que a saúde existencial depende da alternância regular dos modos de ser. A saúde existencial depende da alternância contínua entre o *homem teórico-conceitual* e o *homem estético*.

A LEITURA DE AFONSO FONSECA SOBRE A RELAÇÃO DIALÓGICA E A ALTERNÂNCIA DOS MODOS DE SER EM MARTIN BUBER

O livro *Eu – Tu* de Martin Buber (2001) nos apresenta uma dupla forma existencial, dois modos de sermos. Desta maneira, o ‘Eu’ do homem também é duplo e manifesta-se como dois modos de palavras – princípio, *Eu-Tu* e *Eu-Isso* que se diferem. Conforme Afonso Fonseca (2009) assinala, na perspectiva de Buber,

Vivemos na cotidianidade do modo *eu-isso* de sermos. É o modo de sermos da repetição, e do acontecido em nossas vidas; o modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, da objetividade, modo de sermos da causalidade, dos úteis e das utilidades, do uso; e o modo de sermos do realizado e da realidade. Que se opõem ao modo de sermos, *eu-tu*, do possível e da possibilidade. (FONSECA, 2009, p. 14, grifo do autor).

O modo de sermos do *Eu-Isso* se caracteriza como um modo não dialógico, sem possibilidade de ‘relação’. O mundo do ‘Isso’ e a vida *coisificada*¹ são constituídos por *sujeitos*² e *objetos*, por *coisas* e configura-se como o mundo da *causalidade*, da *fatalidade*, da *arbitrariedade*. Dissemelhante do modo *Eu-Isso*, o *Eu-Tu* tem característica de modo dialógico. Segundo Afonso Fonseca (1998a, p. 9), “o mundo do dialógico é o mundo da atualidade e da atualização de presenças”. Para Afonso Fonseca,

Diferentemente do modo eu-isso de sermos, o modo *eu-tu* de sermos é o *modo de sermos do acontecer*, a partir da vivência e do desdobramento, da ação, da atualização de possibilidades, em nossas vidas. É estético, e poético. Como modo de sermos da vivência e atualização de possibilidades, está fora do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, sendo anterior à vigência desta dicotomização. Não é da ordem da causalidade, nem é da ordem dos úteis nem das utilidades; estando igualmente fora da ordem das relações de causa e efeito; e caracterizando-se própria e especificamente, em sua vivência e vigência, como *desproposita*. (FONSECA, 2009, p. 15, grifo do autor).

Conforme Buber (2001), o mundo da relação realiza-se em três esferas. A primeira esfera é a ‘vida não humana’, é a ‘vida com a natureza’. A segunda esfera é a ‘vida com os homens’ e a terceira esfera é a ‘vida com o sagrado’. Esse modo existencial do *Eu-Tu* ou essas esferas de relação, inclui-se ao indescritível. Segundo Buber (2001),

1. Coisificada – De coisa; Ôntico; Modo EU-ISSO. Decurso inalterável das coisas. “Deriva, ao sabor da causalidade e do mecanismo da dinâmica das coisas”. (FONSECA, 1998a, p. 10).

2. Sujeitos – “Modo de sermos do *sub-jet*, do *ob-jeto*, pertinentes ao modo acontecido de sermos ôntico, do ente. Da coisa. Modo da flexão, da reflexão, do dobrar-se, a contemplação, que o sujeito faz como espectador do objeto. E que é teórica” “que não é o *ator*, da perspectiva de um sujeito *espectador*”. (FONSECA, 2012b, p. 53, grifo do autor).

Mas como podemos incluir o inefável no reino das palavras-princípio? Em cada uma das esferas, graças a tudo aquilo que se nos torna presente, nós vislumbramos a orla do Tu eterno, nós sentimos em cada Tu um sopro provido dele, nós o invocamos à maneira própria de cada esfera. (BUBER, 2001, p. 53-54).

Conforme Afonso Fonseca (1998a), a ‘relação dialógica’ se dá numa relação de reciprocidade entre o *Eu-Tu*. Dialógica que só acontece nas esferas. Nesse campo da dialógica ou da *inter-ação* entre o ‘eu’ e o ‘tu’, o diálogo se desdobra como ‘compartilhamento de sentido’ (*dia-logos*). Segundo o autor (2017, p. 4, grifo nosso), “a relação *Eu-Tu* é não apenas compartilhamento do *logos*, *dialógica*, mas, igualmente, compartilhamento da *poiética*³ e da *estética*, da *ação*”. Ou seja, a dialógica acontece para além da criação de sentidos, ela também é a formação das coisas psicológicas. Segundo Afonso Fonseca,

O *dialógico* pode se dar, então, como campo compreensivo de compartilhamento de sentido, em todos os âmbitos da *Implicação*. (1) No âmbito da relação com a natureza não humana, (2) no âmbito da relação entre humanos, a esfera do inter humano; e (3) no âmbito da relação com o sagrado. E pode se dar como relação com a outridade de nós próprios. Da qual continuamente emergimos como possibilidade (FONSECA, 2012b, p. 50, grifo do autor).

Para Buber (2001), o ser humano não se limita apenas ao *Eu-Isso*, à objetivação ou coisa, não se confina somente à atividade relacionada a um objeto. A vida não se constitui apenas em: eu vejo uma coisa, experimento uma coisa, represento uma coisa ou eu quero uma coisa; não se traduz só nisso ou algo parecido. O mundo do *Eu-Tu* não existe coisa entre coisa. Conforme Buber,

O homem que se conformou com o mundo do Isso, como algo a ser experimentado e a ser utilizado, faz malograr a realização deste destino: em lugar de liberar o que está ligado a este mundo ele o reprime; em lugar de contemplá-lo ele o observa, em lugar de conhecê-lo serve-se dele. (BUBER, 2001, p. 75).

Segundo Afonso Fonseca (1998a), é necessário e natural o ser humano alternar nos modos ‘Eu-Tu’ e ‘Eu-Isso’. O modo de sermos do *Eu-Isso* nos permite a objetivação e organização do mundo e da vida. Conforme o autor (1998a, p. 4), “é ela que permite o desenvolvimento da cultura, do conhecimento, da língua, dos usos, da arte, do ordenamento científico da realidade”. É natural que na vida cotidiana da sociedade contemporânea, o

3. Poiética ou Poiético – “O prefixo Grego *poi* refere-se à *força*. É assim que ele está em *potência*, *poder*, *possibilidade*, *poiese*, *poiético*, *poiética*. Precipuamente, refere-se ao modo estético de sermos. *Pré-reflexivo*, *Implicativo*, *compreensivo*, *fenomenológico existencial*, *dialógico*, *poiético*... O modo *poiético* de sermos é, portanto, o modo implicativo de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, que se constitui como o desdobramento criativo da força da possibilidade, em seu processamento compreensivo de devir criativo. A *poiética* é a *ética da poiese*”. (FONSECA, 2012b, p. 30, grifo do autor).

mundo da coisificação aconteça na esfera do *Eu-Isso*. Para o autor,

De modo que; à medida em que há um crescimento progressivo do mundo do *Isso*, desenvolve-se também a capacidade humana de *experimentar* e *utilizar*. E como capacidade é necessidade, potencializa-se a possibilidade de atrelamento cada vez maior do homem ao mundo das coisas e o empobrecimento e a perda de sua capacidade de relação. (FONSECA, 1998a, p. 5, grifo do autor).

Buber (1982) descreve a diferença em ter um ‘relacionamento’ e uma ‘relação’. O ‘relacionamento’ acontece no modo *Eu-Isso* e tem como característica a *dicotomia sujeito-objeto*, a individualização, a objetivação e a subjetividade; diferentemente do modo *Eu-Tu* que pode se dizer ‘relação’ e ‘relação inter-humano’. A ‘relação inter-humano’ é quando existe o ato, presença, reciprocidade, participação de duas alteridades, é o estar frente a frente, é dialógico, ou seja, há um compartilhar de sentido e coisa alguma existe entre eles (BUBER, 1982).

Afonso Fonseca (2011a) diz que os ‘relacionamentos’ acontecem na ‘relação social’, na qual os indivíduos se remetem aos padrões coletivos, sociais, culturais e se afastam do momento *inter-humano* para uma vida de conveniências sociais. Como foram colocados anteriormente, os *relacionamentos digitais* que se posicionam como padrões e moda no qual o homem não se entrega a vivência, para a *conversão*⁴, possibilidade de atualização na alternância dos modos de ser.

Para os autores Martin Buber e Afonso Fonseca, é importante que aconteça uma reciprocidade, ou seja, se tornar consciente deste outro, reconhecê-lo como tal, não o tratando como objeto. Na vivência do ‘mundo coisificado’ ou no ‘mundo do *Isso*’, para Afonso Fonseca (1998a), se a pessoa não alterna de forma regular nos modos existências, mas permanece cristalizado no modo *Eu-Isso*, enfraquece as possibilidades de criação, regeneração de si e de sua visão de mundo. Segundo Afonso Fonseca,

Nada de errado com a distensão dos tempos decorridos do eu-isso – o próprio Buber esclarece. O modo de sermos eu-isso faz parte da ontológica do que somos junto à alternância com o modo de sermos eu-tu. A fragilização desta alternância é que nos reduz à fatalidade, ao acontecido, ao mero decurso das coisas, em detrimento de nosso retorno à temporalidade potente, criativa e poética do eu-tu, que nos permite a ação e a superação. (FONSECA, 2013b, p. 4).

Os modos de existir cotidianamente implicam diretamente o processo de saúde existencial e relacional consigo e com o meio – processo relacional que é dialógico. Modos

4. Conversão – “Fink observa o caráter antropológico da conversão nietzscheana no sentido da assunção da vida como experimento e como experimentação. Trata-se, na verdade, da desalienação do homem, e da assunção nele próprio, e não em figuras idealmente alienadas, de tudo que ele tem efetivamente de santo, de artista, de sábio. Trata-se, na verdade, da metamorfose do santo, do artista e do sábio, em espírito livre”. (FONSECA, 2000c).

que em sua alternância regular enquanto atualização compreensiva ocorre de forma cognitiva e/ou cognitiva e muscular. Segundo Afonso Fonseca (1998b, p. 4, grifo do autor), “o *dialógico* configura-se como os efêmeros momentos [...] pela entrega plena e intensa à concretude da existência em seu *ser-no-mundo* e com o mundo, podemos transcender e transformar as condições *dadas*”. Ainda de acordo com o autor,

Antes de ser processo ou efeito psicoterapêutico, todavia, a possibilidade das forças e a possibilidade plástica do dialógico na vida e no mundo humanos são naturalmente uma dimensão fundamental, e natural potencialidade, latência constante, do processo e das forças da existência. Ou seja: a mudança, a irrupção da criatividade existencial, a superação cri-ativa de um indesejável decurso, que tornou-se aparentemente inevitável, que trás o cliente ao consultório, e que é possibilitada pela vivência do dialógico, é uma possibilidade natural, uma necessidade, da existência, sempre latente e naturalmente atualizável, na medida em que possamos intuí-la e afirmá-la. (FONSECA, 1998a, p. 2).

Afonso Fonseca (1998b) evidencia que a entrega à concretude da existência e a afirmação das condições dadas quando difíceis ou de momentos desesperançosos são posturas fundamentais para a abertura do dialógico, possibilitando ao indivíduo a alternância dos modos de ser como criação, superação, mudança e saúde existencial. Para o autor (1998b), “é esta entrega e afirmação que é uma entrega à possibilidade do retorno potente da vida enquanto retorno da vontade de viver, que potencializa o devir e a possibilidade da transformação das condições dadas”.

OS MODOS DE SERMOS NA PERSPECTIVA DE AFONSO FONSECA: O MODO DE SER IMPLICATIVO E O MODO DE SER EXPLICATIVO

Segundo Afonso Fonseca (2012b), existem dois modos de sermos, o *modo implicativo* e o *modo explicativo*. O *modo explicativo* vigora a consciência e *corpo reflexivo*¹, consciência e *corpo teórico-conceitual*; consciência e corpo como tal não há vivência da *ação*, e por não ser vivência da *ação*, não é *desdobramento de possibilidades*² (força de potência). O que existe no *modo explicativo* é possibilidade exaurida, possibilidade que perdeu a força de possibilidade, repetição de uma possibilidade acontecida.

De acordo com Afonso Fonseca (2012b), o modo de ser do *explicativo* tem característica do modo *acontecido, conceitual, do passado* que é constituído como *coisa, ente*³, *objeto* que, como tal, pode ser contemplado por um *sujeito*; a fragmentação da *dicotomia sujeito-objeto*. Neste modo, o conhecimento não é vivência ativa da *ação*. Mas *reflexiva, teórico e representativa*. O *modo explicativo*, por possuir consciência *reflexiva*, estabelece uma consciência com inatividade da contemplação de um todo significativo. Para o autor,

O modo explicativo de sermos, portanto, é o modo teórico de sermos; é o modo de sermos da reflexão, e da representação, o modo de sermos da contemplação do acontecido, da re-apresentação. O modo de sermos não do ator e da ação, mas o modo de sermos do espectador. (FONSECA, 2012b, p. 33).

Por ser um modo da contemplação do acontecido, o *sujeito re-flete, re-pete, re-incide* na possibilidade instalada como ‘coisa material’ ou ‘coisa psicológica’. Ou seja, a possibilidade não se apresenta em seu desdobramento, mas se *re(a)presenta*, como ‘coisa material’ ou ‘conceitual’. Por não ser uma vivência da *ação* ou um *vir a ser da ação* é um modo da *pretensão (pre-tensão)*, da *prepotência (pre-potência)* e da *impotência* (FONSECA, 2012b).

Destacamos essas três palavras segundo Afonso Fonseca (2012b), pelo fato de que o autor expõe que o *modo explicativo* é antes da *tensão*, antes da potência que se coloca como modo impotente. O *modo explicativo* possui também características do modo *comportamental*, por ser de uma dimensão de atividades repetitivas e padronizadas. É um

1. Reflexivo – “O modo reflexivo se constitui no modo acontecido, não fenomenológico de sermos; no qual, e somente no qual, se constituem, como coisa, como acontecido, o sujeito e o objeto. E, enquanto tais, as condições para a flexão, a reflexão, o dobrar-se, a contemplação, que o sujeito faz como espectador do objeto”. E que é teórica, explicativo e comportamental. (FONSECA, 2012b, p. 52).

2. Possibilidade – “é toda a força daquilo que pode acontecer, enquanto vivência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica – enquanto **Ação**”. (FONSECA, 2012b, p. 19, grifo do autor).

3. Coisa ou ente – “é o acontecido, o passado”. (FONSECA, 2012b, p. 14).

modo de ser que não há a vivência do corpo e do sentido, mas a negação.

Conforme Afonso Fonseca (2012b), neste modo é também constituído formas de cognição ôntica. Quando não há a alternância regular entre os modos, a pessoa não se atualiza, mas permanece no comportamento *explicativo* que é de caráter mecânico, reiterado e frequente. Ela desenvolve a *desconsciência*, onde o sujeito pouco a pouco se afasta da consciência do corpo, dos sentidos e do meio. Conforme Afonso Fonseca,

O *comportamento* é a atividade previsível e padronizada da pessoa, definida e ancorada nos padrões sociais, nos hábitos e nas expectativas. A *ação* envolve os níveis mais vivenciais da pessoa, mais subjetivos, singulares, irrepetíveis e originais. A *ação* é, assim, única e original. E é exatamente a *ação* que vai sendo progressivamente extinta, em privilégio do conformismo do *comportamento* dos particulares de uma sociedade que se automatiza cada vez mais, automatizando inclusive a atividade das pessoas que a ela compõem. (FONSECA, 2012a, p. 84, grifo do autor).

Segundo Afonso Fonseca (2012b), *comportamento não é ação*, pois quanto mais comportamental, menos consciente. Comportamento é o não fluxo da *ação*. Conforme o autor,

O comportamento, como modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva é, mais propriamente, uma forma de *desconsciência*. A *atividade padronizada e repetitiva* caracteriza o comportamento. Quanto mais padronizada e repetitiva a atividade, quanto mais comportamental, portanto, menos consciente. (FONSECA, 2012b, p. 34, grifo do autor).

Segundo Afonso Fonseca (2016), o *modo explicativo* possui como característica o corpo como 'objeto', *modo ôntico*⁴ de ser, em que não vigora a *ação* e nem o sentido, mas a objetividade e a subjetividade. Modo em que o corpo é *desatualizado*, é *passado*, é uma *instalação*, é uma *estagnação* e quando não há uma alternância regular, pode haver uma predominância de uma *cronificação*⁵. Para o autor,

Pelo desgaste, pela não regeneração, pela exaustão, existencial e física, pela potencialização de distúrbios psicológicos, somáticos, e psicossomáticos, pela falta de emoção, de motivação, de criação, de regeneração; pelo uso abusivo de drogas; pela recorrência de mecanismos de auto, e de hétero, destrutividades; pelo suicídio [...]. (FONSECA, 2016, p. 2).

Conforme assinala Afonso Fonseca (2016), a *cronificação* é uma experiência do *modo ôntico* de 'ser', ou do 'objeto', que leva o corpo a um desgaste ou esgotamento tanto

4. Modo Ôntico – “O modo ôntico de sermos é apenas ôntico por não ser lógico. Não ser o modo de sermos de vivência do sentido. O modo ôntico de sermos é o modo conceitual e reflexivo de sermos. É o modo coisa de sermos. Ôntico, reflexivo e conceitual; teórico, não dialógico, explicativo. Existencial. Extensional. Modo de sermos da extensionalidade”. (FONSECA, 2017, p. 4, no prelo).

5. Cronificação – Fixação no modo *EU-ISSO* de sermos, com a supressão da ética, da estética, do dialógico; com a limitação do modo *EU-TU* de sermos; com a reificação do real, com a hiper-realidade (FONSECA, 2015b, grifo nosso).

existencial como físico, pela não regeneração, pela falta de criação, emoção, motivação e superação. E por não ser um corpo atualizado há uma potencialização de distúrbios psicológicos, psicossomáticos e somáticos. Segundo Afonso Fonseca,

De um modo tal, que esta predominância pode instalar-se de um modo crônico. Restringindo, e baseada na restrição da vivência ontológica do corpo como ação. Na limitação da fruição deste, e das ontológicas funções fenomenológico existenciais próprias a esta fruição. (FONSECA, 2016, p. 1).

Neste estado da cronicidade em que o corpo se comporta como ‘corpo objeto’, no *modo explicativo*, esse modo de ser passa a comprometer a saúde biofísica e bioquímica, fisiológica e/ou anatômica. Com o comprometimento da *consistensia*⁶ existencial, o homem se afasta da saúde existencial, que é condição natural e humana da alternância dos modos de ser, alternância que é *moção, movimentação existencial, cognição compreensiva, superação e atualização muscular* (FONSECA, 2016).

Conforme retratado por Afonso Fonseca (2016), o *corpo como objeto* que é exaurido por não criar, por não superar, por não mudar enquanto atualização e saúde existencial é um corpo com uma consciência e memória que repete. Não tem a *tensão* da criação, é um *de-jeto*⁷. Cronicamente *sujeito–objeto* que é um movimento de inércia. Corpo que se torna obsessivo e compulsivo pela falta da alternância regular e *consistensial* dos modos de ser. A alternância dos modos de ser que é uma condição natural e efetiva de saúde do corpo, condição ontológica de presença e atualidade. Conforme o autor,

Com os termos *cronicidade, cronificação*, largamente utilizados na Medicina, não quero, especificamente, aludir a uma condição de clínica médica. Já que a condição da cronicidade da predominância da experiência do corpo como objeto, sobre a vivência ontológica do corpo como ação, é, em específico, uma condição fenomenológico existencial e de dialógica. Existencial, ontológica, portanto. Sócio-cultural, e histórica. (FONSECA, 2016, p. 2, grifos do autor).

De acordo com Afonso Fonseca (2016), o *corpo como objeto*, no *modo explicativo*, de forma cronicada torna-se incapaz para a sensibilidade emocionada, incapaz para os seus potenciais. O *corpo como objeto* torna-se inábil diante da positiva e concreta apropriação

6. Consistensia ou Consistênsia Insistensial –“decorre da emergência e do desdobramento da intensidade de uma multiplicidade de possibilidades, de forças de vida. Esta emergência e desdobramento é proporcional à sua afirmação. Segundo a perspectiva da Filosofia da Vida de F. Nietzsche, a afirmação da possibilidade, da vontade de possibilidade, faculta o seu exercício criativo, formativo e a vivência de sua finitude. O limite, o declínio e a finitude cíclica da força da possibilidade é, insistentemente, o ponto não obstante em que há o retorno das possibilidades. Afirmadas as possibilidades se afirmam criativamente, e potencializam o retorno das possibilidades. Desta forma a insistência é vigorosa e criativa, **consistente. Consistênsia. Consistênsia insistensial**”. (FONSECA, [199?], p. 23, grifos do autor, no prelo).

7. De-jeto – “O modo ôntico de sermos, modo explicativo, é o modo coisificado de sermos. No qual já não há mais ação, não há mais possibilidade em desdobramento. Não mais jeto. Neste modo ôntico, explicativo, de sermos, constituem-se o sub-jeto, e o ob-jeto. De-jetos. Contemplativamente, o sub-jeto se dobra, se flete, sobre o ob-jeto. Decorrendo esta flexão – do sujeito sobre o objeto -, no modo coisificado de sermos. No qual só se dá a repetição. De modo que a flexão se constitui como re-flexão. Designando o modo re-flexivo de sermos”. (FONSECA, 2017, p. 3, no prelo).

de si, na medida em que esse corpo permanece no modo *reflexivo, teórico, conceitual, explicativo e objeto*. Para Afonso Fonseca,

Mas a cronicidade da predominância da experiência do corpo como objeto é uma condição ontológica – melhor diríamos, ontofóbica –, fenomenológico existencial. Que se caracteriza pela limitação da consistência existencial. Pelo comprometimento da fluidez ontológica da natural e saudável alternância, entre a condição do modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos, da ação; e o modo de sermos, reflexivo e conceitual, da constituição das condições, e da dicotomia, de sujeito e objeto. (FONSECA, 2016, p. 2).

O corpo como ‘objeto’ possui um modo perturbado na sua compreensão e na sua musculação compreensiva. Que de forma fatal se constrói como um mecanismo de constante frustração, pela não vivência da alternância de forma regular do *corpo explicativo e corpo implicativo* (FONSECA, 2016).

Já no *modo Implicativo*, para Afonso Fonseca (2012b) a *implicação*⁸ tem como característica o corpo e a consciência compreensiva, compreensão que possui uma cognição e musculação *pré-reflexiva, pré-conceitual e pré-comportamental*⁹ que se constitui na vivência do desdobramento de *possibilidades*, possui aspecto cognitivo da *ação*¹⁰, como conhecer. Uma ciência compreensiva.

Conforme Afonso Fonseca (2012b), a *compreensão*¹¹ (*cum-prender*) possibilita a *a-preensão, preensão de prender* o sentido, que vai se constituindo pelo desdobramento de *possibilidades, possibilidades* nas quais competem e argumentam entre si. Com

8. Implicação – “é a vivência momentânea instantânea, os momentos da experiência e da experimentação, do modo de sermos, compreensivo – pré-reflexivo, fenomenológico existencial e dialógico, gestáltico – da ação. A vivência compreensiva do desdobramento da ação é a vivência gestáltica, figurativa, do desdobramento da dominância da atividade de uma multiplicidade, de um *plexo*, de possibilidades”. (FONSECA, 2012b, p. 23, grifo do autor). As possibilidades, as forças intensionais da fenomenológica da ação, são múltiplas, na constituição de cada ato. Múltiplas, mas, na medida em que competem e competem e argumentam entre si (Brentano), formam dominâncias. Formam plexos, plic. O Plexo pode ser entendido, neste caso, como um sinônimo de Gestalt. E se refere a uma multiplicidade organizada. Em Grego – a vivência do desdobramento de possibilidades, do desdobramento da ação, pré-reflexiva, e pré-conceitual, é uma multiplicidade organizada de possibilidades, o que chamamos de implicação. (FONSECA, 2017, p. 2, no prelo).

9. Pré-reflexiva, pré-conceitual e pré-comportamental – O modo implicativo de sermos, pré-reflexivo – fenomenológico existencial e dialógico –, é, própria e especificamente, **compreensivo**. Isto quer dizer que, no modo implicativo de sermos, pré-reflexivo, a vivência do desdobramento de possibilidades se constitui, é **preendida, é apreendida**, como consciência – consciência pré-reflexiva, e pré-conceitual, pré-teórica, pré-comportamental. (FONSECA, 2012b, p. 17, grifo do autor).

10. Ação – Vivência ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, gestáltica, do vir a ser do possível. “A ação é a vivência compreensiva do devir – performático, fenomenológico existencial, e dialógico – da constituição, e do desdobramento, da vivência das possibilidades da multiplicidade de um plexo de possibilidades”. (FONSECA, 2012b, p. 39). “A ação é o vir a ser formativo, criativo, é a formação, performance, performance, perfazer, perfazimento de algo que não existe, e que vem a ser pelo episódio fenomenológico existencial da ação”. (FONSECA, 2017, p. 1, no prelo).

11. Compreensão – “um conhecer, e um conhecimento, especificamente, pré-reflexivos, *implicativos*. E não um conhecimento explicativo, *teórico*. É *conhecimento ativo, pré-reflexivo e pré-conceitual. Estético. E poético*. O conhecer especificamente do ator – e não o modo teórico de conhecer do espectador”. (FONSECA, 2012b, p. 24, grifo do autor).

todo esse desdobramento de *possibilidade* tem-se *com(a)preensão* consciente, modo compreensivo de ser.

Intrínseca e inerentemente, a **Ação**, o desdobramento de possibilidade, se constitui como consciência pré-reflexiva; como consciência compreensiva, fenomenológica, existencial, dialógica; como compreensão. E é, eminentemente, da ordem da *implicação*. A vivência do processamento da ação, como desdobramento de possibilidade, é, sempre, assim, *implicativa*, e *compreensiva*. (FONSECA, 2012b, p. 36, grifo do autor).

De acordo com Afonso Fonseca (2012b), o *modo Implicativo* é um modo de ser da *ação*, é um desdobramento intrínseco de *possibilidades*, desdobramento que é apresentação da *possibilidade* onde nada é representado, mas apresentado enquanto vivência do corpo e das emoções. É relação dialógica em que há um 'Tu' para si mesmo e um 'Eu' em si mesmo.

Em concordância com Afonso Fonseca (2012b), o *modo implicativo* é hermenêutico¹² enquanto interpretação, pois o próprio ser interpreta a si mesmo, interpreta sua vivência compreensiva fenomenológica existencial. De acordo com Heidegger (1927, *apud* FONSECA, 2012b, grifo do autor) o homem é um ser hermenêutico por excelência. Ou seja, por não ser um modo *dicotômico* não há análise e nem explicação do ser como 'objeto'. Ainda para o autor,

A raiz *inter* do termo *inter-pret-ação*, da interpretação fenomenológica – compreensiva, implicativa, e não ex-plicativa – se refere ao caráter especificamente dialógico da interpretação fenomenológica, implicativa, e compreensiva. Ou seja, refere-se ao aspecto de que, na vivência da ação, como desdobramento de possibilidades, as possibilidades são vivenciadas, em seu desdobramento, sempre, como a alteridade radical do *tu* de uma dialógica *eu-tu*. **E não no modo de sermos no qual vigora a dicotomia sujeito-objeto**. (FONSECA, 2012b, p. 27, grifos do autor).

Segundo Afonso Fonseca (2012b), o *modo implicativo* acontece enquanto vivência *fenomenológica*¹³ existencial e dialógica dentro do *plexo*. *Plexo*¹⁴ que é uma totalidade

12. "O termo 'Hermenêutica' provém do verbo grego 'hermêneuein' e significa 'declarar', 'anunciar', 'interpretar', 'esclarecer' e, por último, 'traduzir'. Significa que alguma coisa é 'tornada compreensível' ou 'levada à compreensão'". "Hermes é o personagem da mitologia Grega encarregado de interpretar, de traduzir, para os humanos a linguagem dos Deuses do Olimpo. Sendo, por isto, considerado o intérprete por excelência". (FONSECA, 2012b, p. 28).

13. Fenomenológica: "Sentido do fenômeno. Fala do fenômeno. O que constitui como linguagem, não verbal, o fenomenológico. A vivência fenomenológica da possibilidade em seu desdobramento constitui-se *compreensivamente*, como sentido, como *fenômeno*, como *logos*, como *fenômeno logos*, vivência, ao modo de sermos, própria e especificamente, da consciência pré-reflexiva". (FONSECA, 2012b, p. 10, grifo do autor).

14. Plexo ou Plexos, mesmo que Pléxico - "A palavra *plexo* tem, em Grego, um sentido original de tecer, entretecer, de tessitura, de trança; sentido este originado no trançamento, no trançado, dos pêlos das crinas dos cavalos. E, sem dúvida, na trança dos cabelos. Metaforicamente, na vivência de possibilidades, na vivência do *plexo* de possibilidades, as possibilidades são múltiplas, e se organizam e se inter trançam entre si, de acordo com a força plástica de suas dominâncias". (FONSECA, 2012b, p. 21, grifo do autor). "A vivência desses plexos que são as Gestalts é, portanto, *im-plexa*, é *implexativa*. E é isso que significa que este modo de vivência é o modo de sermos da *implicação*". (FONSECA,

*gestaltificativa*¹⁵ em um processo de apuração, apuração pelo fato das *possibilidades* não se excluírem e nem se somarem, mas se apuram em sentido. É a vivência de um todo significativo (FONSECA, 2016). Ainda conforme o autor,

A essência da vivência do sentido, as qualidades do sentido, e da vivência da ação – que, naturalmente, se constituem eminentemente como aparência, fenômeno, insintensial, inspeção –, advêm, enquanto tais, do intrínseco inter jogo figurativo da concorrência e concomitância de competição e argumentação, na vivência do desdobramento de **plexos**, de **multiplicidades**, plexos de possibilidades, que constituem dominâncias configurativas. Lógicas. Ontológicas. Dialógicas. Gestaltológicas. (FONSECA, 2013a, p. 59, grifo do autor).

O *modo implicativo* possui característica da *estética*. *Ethos*, ética da *estesia*. Os gregos associaram a vivência da multiplicidade de *possibilidades* ou desdobramento de *possibilidades* como *estesia*. É a afirmação e vivência da momentaneidade instantânea do corpo e do sentido, é a vivência de uma ética que não é moral, ou moralista, mas uma ética fenomenológica existencial. Para Afonso Fonseca,

O que caracteriza a estética é a sua constituição como vivência, como experiência e experimentação pré-reflexivas, pré-conceituais, implicativas. Que são vivências do desdobramento de possibilidades, vivências do desdobramento da ação. (FONSECA, 2012b, p. 138).

O *modo implicativo* possui característica da *intensionalidade*¹⁶ e da potência. A vivência da *intensionalidade* é uma vivência enquanto *tensão*¹⁷, força de potência, forças

2012b, p. 12, grifo do autor).

15. Gestaltificativa: “Vivência implicativa do desdobramento de possibilidades. Vivência ontológica da fenomenológica da ação, implicação, *intensional*, em sua específica propriedade formativa gestaltificativa, formação. Ou seja, compreensão apurativa, na vivência da implicação, constituinte da figuração do processo de formação de figura e fundo da compreensão e da musculação. O processo vivencial apurativo de constituição de dominâncias, que figuram, como processo de formação de figura e fundo, na compreensão, e na musculação. Na sua constituição como apuração, como constituição apurativa de dominâncias, como processo de constituição de figura e fundo, a formação gestaltificativa inerentemente constitui originariamente totalidades vivenciais, ontológicas, fenomenológicas, de sentido – e não partes isoladas. Estas totalidades por si constituídas de partes, sub totalidades de sentido. Que se desdobram, na reconstituição da totalização de seu esboço, originária e pré-compreensivamente intuído, como totalidade projetativa, na reconstituição de seu *disegno* originário – incorporando as intercorrências ao longo da duração da momentaneidade instantânea de sua performance. Na conclusão da momentaneidade de sua vivência performativa, a gestaltificação, perdendo a sua força de possibilidade, decai em coisa, em gestalt. Instalação coisificativa. Que ré enceta a sua ação, a sua possibilitação, a sua gestaltificação – tão logo se dê na abertura de um pré disposição estética. Pré-dialógica”. (FONSECA, 2012b, p. 22, grifo do autor).

16. Intensionalidade – “é a vivência do modo pré-reflexivo, fenomenológico existencial de sermos, a vivência da ação, é uma vivência *tensa*, é uma vivência de tensão. *Intensional*, portanto – na (des)medida da tensão do desdobramento da força da possibilidade. A vivência deste modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos, compreensivo, e implicativo, modo de sermos da ação, é, assim, uma vivência *intensional*. Vivência da *tensão*, da *tensionalidade*, da *intensionalidade da experimentação da força da possibilidade em seu desdobramento*. A *tensionalidade*, a *intensionalidade* compreensiva da ação”. (FONSECA, 2012b, p. 20, grifo do autor). “E a intensionalidade é a vivência da tensão deste processo formativo. A intensionalidade é a vivência da tensão criativa da performance da ação, da performance, da performance do desdobramento de possibilidades. A vivência da performance do desdobramento criativo da ação”. (FONSECA, 2017, p. 1, no prelo).

17. Tensão – “Creio ser este um dos conceitos mais interessantes da Fenomenologia, e da perspectiva existencialista,

que são plásticas, forças que são criativas, forças regenerativas, forças de superação, forças lógicas que se desdobram em uma multiplicidade de *possibilidades*, desdobramento da *ação*. O *modo implicativo* na vivência da *intensionalidade* é uma dialógica. Ou seja, o *modo implicativo* possui caráter dialógico. (FONSECA, 2012b).

Caráter dialógico que se constitui como uma *tensão*, *tensão* que é vivenciada na relação *Eu-Tu*. *Tensão* de compartilhamento de sentido. Um ‘Tu’ que se apresenta na projeção da expressão da possibilidade, um ‘Tu’ que não é objetividade, nem subjetividade, nem da ordem da causalidade, nem da utilidade, mas uma alteridade provocativa e radical, um ‘Tu’ como alteridade que se remete para o ‘Eu’ e o ‘Eu’ alteridade que se remete para o ‘Tu’. A dialógica que acontece na *implicação* e vivencia os outros e questões próprias. O outro se apresenta sempre como um possível, como “Tus” (FONSECA, 2012b).

O *modo implicativo* tem característica da empatia, caráter do modo *pático* de ser – *Pathos*¹⁸ (no Grego – sensibilidade emocionada) por ser emocional, é *moção*, *emoção*, *movimento*, *motivação*, é um modo de ser da *ação*, do sentido, modo *fenomenológico existencial*, modo em que se vivencia a sensibilidade emocional de ser (FONSECA, 2012b).

De acordo com Afonso Fonseca,

O modo fenomenológico existencial de sermos, compreensivo, implicativo, o modo de sermos da *ação*, da mesma forma que é o modo de sermos da movimentação, do devir, é, igualmente, o modo de sermos da emoção. É o modo de sermos do *pathos* (no sentido Grego), o modo de sermos, estético, estético, poético, da *sensibilidade emocionada*. (FONSECA, 2012b, p. 40, grifo do autor).

Segundo Afonso Fonseca (2012b), o *modo implicativo* é atualização e presença, pois a *implicação* é um modo próprio e específico da *ação* como atualidade, é ato do acontecer em presença. É a própria vivência em sua momentaneidade se desdobrando na força da *possibilidade*. É a experiência e experimentação da vivência *pré-reflexiva*, *fenomenológica*, *existencial* e *dialógica da ação* em seu desdobramento ativo, de suas dominâncias, em sua formação de *plexos* como compreensão, pois a vivência da *ação* é compreensiva. É presença e atualidade. Para o autor,

A vivência da presença e da atualidade especificamente se constitui como **implicação**: vivência de **multiplicidades** de possibilidades em desdobramento. Que competem, e, lógicas, ontológicas, fenomenológicas, dialógicas,

da existenciologia. Até porque integra, no conceito de intensionalidade, e no próprio termo e conceito de existENCIA, as duas perspectivas. E mostra como elas são interdependentes e correlacionadas. O radical que está em intensionalidade é o mesmo que está em **existencia**, **insistencia**, **diasistencia**, **sistencia**... Por isso escrevemos tudo com s. O radical tencia, tensia, significa tensão”. (FONSECA, 2017, p. 1, grifo nosso).

18. Pathos – “O modo *Pathos* de ser deriva o *patético*, *patético* esse que não tem significado “*pathetic*” do inglês, mas o *patético* no Grego que significa algo que comove; arte de despertar os sentimentos; é uma comoção”. (FONSECA, 2012b, p. 40, grifo nosso).

argumentam entre si. Gerando dominâncias figurativas, configurativas, gestaltificativas, que se desdobram como ação, e sua inerentemente implícita vivência formativa de sentido. (FONSECA, 2013a, p. 62, grifo do autor).

Para Afonso Fonseca (2012b), o *modo implicativo* tem caráter *experimental e empírico*¹⁹, que sua disposição, enquanto experimentação é fenomenológico existencial e dialógico, é um ato de afirmação em totalidade no desdobramento. Nível que no desdobrar tem modo *pré-compreensivo* em sua vivência figurativa das partes, ou seja, nesse nível de desdobrar é uma afirmação episódica de cada momento conflitante com o fato, situação ou coisa.

O *modo implicativo* possui característica do corpo e da cognição como *estéticos*, cognição e musculação como *ação*. Corpo que possui consciência, *com-sciência*, corpo que possui conhecimento de si enquanto tal. Segundo Afonso Fonseca (2016), *corpo implicativo* que possui a alternância de forma regular, corpo em sua *consistensia existencial*, corpo que insiste, *sístole insistencial*. De acordo com o psicólogo Brasileiro,

A morfologia do episódio da existência constitui-se, assim, de *sístole ontológica* – que chamamos de *Insistensia*; e a *exsístole ôntica* – que chamamos de *Existensia*. A *sístole*, a *insistensia*, é composta por *diasistensia*, a *diástole* (emergência e desdobramento inicial de possibilidades), e *sistensia*, a *sístole* propriamente dita (desdobramento terminal de possibilidades). A *Existensia*, é o modo ôntico de sermos; a *inércia* do modo coisa de sermos. (FONSECA, 2017, p. 3).

Conforme Afonso Fonseca (2017), a *sístole* é episódica fenomenológica e existencial da *ação*, o autor a compara como um sopro. É a *existência*. *Diástole* que não relaxa, mas toma o fôlego para o sopro e depois sopra com toda força tomada na *diástole*, que é a *sístole*. O soprar é a *sístole*. O mesmo autor (2017) diz que o intervalo entre o movimento das duas *sístoles* (*diástole* e *sístole*) é chamado de *exsístole*. Estar fora desse movimento é chamar de *existência/resistência*.

De acordo com Afonso Fonseca (2017), a pontual vivência da *tensão* da *sístole* é uma *insistensia intensional*²⁰. São forças no sentido qualitativo, forças para criar, forças plásticas e forças estéticas. É o modo *ontológico*²¹. Para Afonso Fonseca (2017, p. 4),

19. Experimental e empírico – “a palavra experimental e empírico possui uma raiz; do verbo no Grego (*Perire*) que tem significado arriscar, tentar”. (FONSECA, 2012b, p. 43).

20. *Insistensia intensional* – “momento da presença, e da atualidade, da ação. Vivência fenomenológica e fenomenativa, dialógica, compreensiva e implicativa, do desdobramento de possibilidades, do desdobramento da ação. Composto de *diástole* e de *sístole*, de “*Diasistensia*”, e de “*Sistensia*”. Em que vivenciamos a emergência e o desdobramento de possibilidades. Momento, assim, própria e especificamente intensional, de vivência da tensão do desdobramento de possibilidades. Da vivência do desdobramento da ação. Momentaneidade instantânea da ação. Ao momento da *Insistensia* sucede o momento da *Existensia*, *Extensão*, *Extensionalidade*”. (FONSECA, 2017, p. 3, no prelo).

Insistensia significa na vivência do ser da tensão da *sístole*. *Existensia*, fora da vivência desta tensão. Esta tensão é a intensionalidade da ação. (FONSECA, 2017, p. 3, no prelo).

21. Ontológico – “é o modo de sermos da ação e de vivência do sentido. Característica distintiva de um ser que vivencia

“a existência, como *insistensia*²², é uma sístole, um sopro, enquanto desdobramento de *possibilidades, ação*. Os gregos identificaram este sopro criativo com o vento esteso”.

A *existência* é o modo de ser ôntico, que não é tensional. Segundo o autor,

Toda esta perspectiva se coaduna com a perspectiva de Nietzsche de valorização do homem estético, com relação ao homem científico. Basicamente, esta perspectiva de valorização é a valorização da vivência estética pré-conceitual, e da ação; sobre a valorização da experiência metafísica, conceitual. (FONSECA, 2017, p. 4).

Segundo Afonso Fonseca (2016), *corpo implicativo*, que se expressa no desdobrar de *possibilidade* como regeneração, insiste na *tensão* da força da criação, do ‘vir a ser’, corpo que se manifesta como ato presentificado no *pathos*. O corpo enquanto implicação possui uma atualização compreensiva. Para Afonso Fonseca (2012b, p. 3, grifo do autor), “é **compreensiva e somática, musculativa** quando, desdobramento, *implicativo*, compreensivo, de *possibilidades*, envolve, também, de modo significativo, a mobilização muscular, a *musculação*”.

O corpo na vivência do desdobramento de *possibilidade*, como mobilização de potenciais, corpo potente, corpo como *ação, implicação* é um corpo que vivencia a *moção, emoção, motivação, criação, superação, regeneração e alegria*. Corpo consciente atualizado. Cognição e musculação compreensiva atualizada (FONSECA, 2016).

o sentido. De modo que este ser é ontológico, na medida em que se caracteriza pela vivência do sentido. Sentido que é ontológico -- dialogicamente constituído e vivenciado no modo ontológico de sermos, de constituição e vivência do logos --, do sentido. Este, o modo ontológico de sermos, é o modo de sermos pré-conceitual e pré-reflexivo da ação e do ator, da performance do vir a ser; fenomenológico insistencial e dialógico; compreensivo, implicativo, gestaltificativo. Intensional. Intensionalidade”. (FONSECA, 2017, p. 4, no prelo).

22. Insistensia ou insistencial - *Ontológico* modo não coisa de sermos. Modo *presente* de sermos, da ação, do acontecer fenomenológico insistencial, e dialógico. (FONSECA, 2017, p. 4, grifo do autor).

ESPAÇO IMPLICATIVO: UMA PSICOTERAPIA COMO PROCESSO PSICO-SÓCIO-CORPORAL

Ao se pensar na demanda do contexto social enquanto homem contemporâneo e que chega a um espaço psicoterapêutico, o psicoterapeuta precisa ter uma compreensão de uma concepção de psicoterapia enquanto ciência do homem, no sentido em que se integram as origens, evoluções, avanço material, cultural e desenvolvimento físico. Porém, um desenvolvimento físico que abrange simultaneamente aspectos psicológicos e sociais. A psicoterapia deve ser um espaço que compreende o humano associadamente ao seu meio econômico, social e sua construção moral.

Levar em consideração a pessoa e, ao mesmo tempo, transcender a sua dimensão aparential, exige que, de fato, entendamos o como o sistema social a que ela se vincula particulariza-se na sua constituição, tanto genética como atual, desde os níveis mais macro-sociais, até as suas diferenciações culturais mais particulares. Para isto, a ideia da dimensão da **transindividualidade** como intrinsecamente constituinte da pessoa, amalgamada a sua individualidade, nos oferece ricas possibilidades, na medida em que nos possibilita entender a síntese entre o individual e o social que constitui a pessoa em sua concretude e, ao mesmo tempo, constitui o seu sistema social. (FONSECA, 1985, p. 4, grifo do autor).

Afonso Fonseca (1985), assinala que a compreensão do humano não é possível se tiver como ênfase a fragmentação ou em estágios e fases. A pessoa deve ser compreendida como alguém que ao nascer é composto por um aparelho biológico, que possui uma autorregulação e uma atualização de potencialidades conforme suas condições biológicas, psicológicas e sociais em harmonias com as suas necessidades.

Conforme assinala Afonso Fonseca (1985), descrever a pessoa partindo de sua dimensão biológica é explicar pouco, porém é uma dimensão que não pode ser ignorada ou desintegrada das outras dimensões que o constitui. Apreende-se que a pessoa se define partindo de suas relações sociais em concretude com o contexto sócio-histórico. Não se pode pensar no homem e suas organizações em suas dimensões de forma separada. Para Afonso Fonseca,

O *biológico* carece apenas de condições qualitativas adequadas. Mas a adequação destas e o modo como elas se organizam, o que determinará fundamentalmente a pessoa que conhecemos, constitui-se a partir da realidade sócio-cultural e histórica concreta. Sabemos que nenhuma das dimensões, biológica e social, podem ser isoladas empiricamente numa pessoa. Da mesma forma que não podemos isolar, na evolução da espécie, o desenvolvimento anátomo fisiológico mais especializado do desenvolvimento da cultura. (FONSECA, 1985, p. 16, grifo do autor).

De acordo com Afonso Fonseca (2006a), previamente a pessoa se apresenta

enquanto produtor cultural, ela evolui em um processo chamado de interação social, meio social de ordem microsocial (família, pessoas próximas), posteriormente para a ordem macrossocial. Processo que constitui a pessoa dissemelhante e singular de outros grupos humanos, de outras culturas e momentos históricos.

Afonso Fonseca (1985) diz que, o processo de constituição do 'eu' é um processo de organização de um determinado comportamento, da visão de si e do mundo em relação aos modelos de organização de seu grupo social, que se relaciona com o momento histórico e a configuração do sistema. Vale ressaltar que essa organização pessoal não se dá apenas em uma específica fase do seu desenvolvimento, mas é algo intrínseco à constituição da pessoa a cada momento, que se desenvolve na relação recíproca com as objetivações culturais estabelecidas. Segundo Afonso Fonseca,

Desta forma, numa certa dimensão muito real, podemos entender que a pessoa desenvolve a sua subjetividade, não simplesmente como uma subjetividade individual – correspondente a sua personalidade isolada, mas, intrinsecamente, como a subjetividade de sua coletividade. Assim sendo, ela não é, neste nível, meramente, a portadora de uma subjetividade individual que se relaciona com outros de uma forma inter-subjetiva; mas a portadora, igualmente, de uma **subjetividade transindividual** que se relaciona com os seus semelhantes no interior de uma subjetividade coletiva, ou seja: intra-subjetivamente. (FONSECA, 1985, p. 17, grifo do autor).

Pensar a partir do que foi mencionado, segundo Afonso Fonseca (1985) não quer dizer negar a singularidade de cada produtor cultural ou cliente, mas ter a percepção que ele também se configura em dimensões universais.

Segundo a perspectiva de Afonso Fonseca (2006a), a psicoterapia é um processo psico-sócio-cultural em que o cliente é reconhecido como um produtor cultural no qual elabora e se reelabora em sua condição cultural, se posicionando socialmente de forma efetiva. O espaço psicoterapêutico que recebe o cliente ou produtor cultural em crise “Socialização, cultura e crise./ Um produtor cultural em crise./ Crise cultural e crise existencial [...]” (FONSECA, 2006a, p. 11) para que ele possa na relação-processo se tornar um produtor cultural ativo e se potencializar enquanto saúde existencial. Ainda segundo o autor,

O indivíduo parece ser fundamental. Não apenas para a psicologia, mas para a própria sanidade do sistema social humano -- sem falar, naturalmente da importância do indivíduo para si próprio. No seu interior, como observou Buber, *recria-se a coisa pública*. (FONSECA, 1985, p. 5, grifo do autor).

O homem contemporâneo e suas crises existenciais, segundo Afonso Fonseca (2006a), vão se formando na medida em que o sistema sociocultural vai mudando ou se

configurando de maneira diferenciada. Contexto contemporâneo que caracteriza o *homem niilista* ou *teórico-conceitual* que nega a relação, a vivência do corpo, do sentido e busca soluções de forma prática e rápida para suas crises ou vazio existencial, que em sua demanda procura o psicoterapeuta como alguém capaz ou especializado para responder as suas tensões. Afonso Fonseca diz,

Precisamos levar conseqüentemente em conta, no desenvolvimento de nossos sistemas conceituais, a especificidade da inserção e emergência da psicoterapia, do psicoterapeuta, do cliente, dos processos em que eles se engajam, e dos resultados desses processos, na, e da configuração de lugares e de processos sócio psíquicos da cultura. (FONSECA, 2006a, p. 27-28).

Refletir sobre isso que se apresenta ao papel do psicoterapeuta é se atentar para não correr o risco de se colocar como alguém superior ou dono do saber que interpreta e explica a vida do outro ou capaz de resolver os problemas do cliente, para não se colocar como psicoterapeuta técnico diante de um mero objeto e torná-lo mais alienado em sua condição existencial.

Afonso Fonseca (2006b) diz que a psicologia que herdamos está marcada pela colonização europeia e neo-colonização norte-americana. Ainda segundo Afonso Fonseca (2013c), de forma profunda, a psicologia e psicoterapia possuem uma constituição atravessada pelo modelo *objetivista* biomédico. Então, reflexionar o sistema cultural, perceber o controle social e como as pessoas socialmente se caracterizam como homem niilista, é apreender que enquanto psicoterapeuta é preciso privilegiar o modo fenomenológico existencial, com uma hermenêutica fenomenológica compreensiva. Segundo Afonso Fonseca,

De um ponto de vista fenomenológico existencial hermenêutico, a psicologia e a psicoterapia fenomenológico existencial afastam-se própria e especificamente do objetivismo do modelo biomédico. Isto sem emitir, em princípio, nenhuma avaliação, ou censura a este modelo. Mas, diante da condição de que, enquanto tais, as pessoas não se nos dão como objetos. Mas na ontológica, fenomenológica e dialógica da interação. (FONSECA, 2013c, p. 1).

O psicoterapeuta que possui uma postura *implicativa* possibilita um espaço fenomenológico em que esse cliente, ou produtor cultural, construa sentido e vivencie suas emoções e corpo, tornando-se autointérprete de suas vivências na relação dialógica. Relação que é do modo de ser *implicativo*, *homem estético*, momento de mobilização dos potenciais, momentaneidade em que se oportuniza a alternância dos modos existenciais como criação, superação, regeneração e mudança.

O psicoterapeuta e uma *propedêutica*¹ fenomenológica existencial, segundo Afonso Fonseca (2013c), preserva a possibilidade para abertura do dialógico, momento em que não atrapalha o cliente, mas interage. O psicoterapeuta atrapalha o cliente quando o direciona, quando arbitra sobre ele, quando se propõe a causa e efeito, quando é dicotômico sujeito-objeto, moralista, quando é da ordem da utilidade, quando é tecnicista (ser técnico ou realizar técnicas é mais uma forma de alienação herdada do processo de colonização, é mais uma forma de prescrição, onde uma consciência se sobrepõe a outra). Conforme Afonso Fonseca,

O fundamental é que o cliente não seja entendido como objeto de conhecimento abstrato, mas afirme-se e confirme-se na relação comigo como um parceiro efetiva e fenomenalmente vivido, dialogicamente, no confronto com, e privilegiamento de, sua alteridade viva, *ativa e autônoma*. Que ele não objetificado, asépticamente, teorizado ou simplesmente conhecido reflexivamente, por este seu parceiro num evento da vida, eventualmente terapeuta. (FONSECA, 2012d, p. 3).

Lançar um olhar para a sociedade contemporânea teórica-conceitual, suas fragilidades e tensões enquanto crises, é se posicionar como psicoterapeuta emergencial no que diz respeito para a produção de sentido. Pois possibilita um espaço experimental fenomenológico, para uma vivência fenomenológica, ou seja, estimular uma relação dialógica para a dinamicidade da alternância dos modos de ser. Segundo Afonso Fonseca (1998b), a conservação da dialógica, relação do modo de ser *implicativo*, modo de ser *Eu-Tu*, que tem caráter dialógico favorece uma atualização cognitiva e muscular.

Ancora-se firmemente numa atitude prática, numa atitude existencial aberta, implicada e ativa diante do mundo. Numa atitude de abertura e afirmação da existência, mesmo que, como sabemos isto signifique em certos momentos a abertura para e a própria afirmação do sofrimento e das finitudes inevitáveis, inerentes à existência. A abertura e afirmação, a assunção, do desconhecido e do misterioso, igualmente inevitáveis na vida humana. (FONSECA, 1998b, p.4).

Os modos de ser em sua alternância regular resultam em motivação, alegria, superação, emoção, ajustamento criativo, mudança e saúde existencial. De acordo com Afonso Fonseca (1998b), o ato criativo da alternância dos modos de ser potencializa a transformação de condições existenciais entregues à desesperança e como devir enquanto vontade de viver mediante o possível, em relação às circunstâncias inapeláveis, um ato

1. Propedêutica ou Propedêuticos – “Assim, mesmo quando pensamos em termos de *clínica* a psicoterapia fenomenológica existencial – a gestal’terapia e a abordagem rogeriana –, forçoso é reconhecer que, em sua substância, a *teràpêutica* é, própria e especificamente, experimental e hermenêutica. Naturalmente, no sentido própria e especificamente fenomenológico existencial, compreensivo e implicativo, gestaltificativo. Da mesmíssima forma que o é, igualmente, a *propedêutica*. Propedêuticos são, na clínica, os procedimentos que se constituem como condições para a *teràpêutica*”. (FONSECA, 2013c, p. 3, grifo do autor, no prelo).

capaz de autorregulação, autoconstrução, autoconstituição e contribui para uma saúde existencial.

O psicólogo e psicoterapeuta *estético*, implicativo que recebe o produtor cultural em crise, estagnado no modo de ser *explicativo*, homem niilista, *teórico-conceitual*, ressentido, vingativo, violento, impotente para criar, apático socialmente, impassível do sentido, potencializado nos distúrbios psicológico posiciona-se como agente provocador da alternância dos modos existenciais, para o desenvolvimento da potência, dos instintos ativos, desdobrar dos *plexos*, para a evolução da criação de sentido. Para Afonso Fonseca,

Com a fixação do acontecido modo eu-isso de sermos, modo de sermos do real, carente do modo de sermos do possível; com uma reificação do real, com o desenvolvimento de uma hiperrealidade. Não dialógica, egotista, arbitrária, ressentida, violenta e destrutiva. O venenosamente ressentido, egotista, e arbitrário, perpetrador de massacres é o antiestético por excelência. O não dialógico, o ressentido, o egotista, o eminente e arrogantemente arbitrário, destrutivo, e violento, por excelência. (FONSECA, 2015b, p. 4)

O produtor cultural em crise, segundo Afonso Fonseca (2006a), produtor cultural incompetente, ainda em conformidade com o autor (2016) homem com uma predominância na cronificação e no vazio existencial que carece de um espaço que o possibilite a dialógica, momento em que o psicoterapeuta se faz presente para que o cliente se torne presença, movimento da sístole, uma *insistência intensional*, momento de atualização cognitiva e/ou cognitiva-muscular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este livro buscou apresentar a constituição da sociedade contemporânea como uma sociedade niilista. Sociedade que vivencia a fragilização das relações, a negação do corpo, das emoções, do acaso, do sofrimento e da finitude. O homem contemporâneo busca de forma exagerada se enquadrar aos modelos prescritos pelo sistema. Padrões ditos como modelo de felicidade e que precisam ser alcançados para ser aceito na sociedade.

Quando se evidencia os padrões como modelo moda, é importante refletir que além de padrões como ideais, o consumismo também faz a produção, meios para se alcançar esses padrões. Na sociedade niilista, o corpo, assim como os outros produtos mercantilizados, também passa a fazer parte dessa produção. O homem, em sua individualidade e incessante busca pelo modelo de felicidade, o produtor cultural que não alterna de forma regular nos modos existenciais em crise se caracterizando como homem teórico-conceitual.

Faz-se necessário refletir sobre o homem contemporâneo e seus modos de relacionamentos fugazes. Como este busca resolução para seus problemas ou crises de forma imediata e que, muitas vezes, delega a resposta do seu sofrimento ao outro. O homem se posiciona como se tivesse uma bula para responder ou se direcionar enquanto existência. O homem em sua apatia social vive a distorção de si e do outro, é um produtor cultural incompetente por não criar, por não ser ativo e nem potente.

Procuramos mostrar nesse livro que Afonso Fonseca, ao analisar a sociedade contemporânea niilista, percebe que o homem em sua constituição nega sua experiência enquanto emoção e corpo, enquanto construtor de sentido em sua existência. É, nesse sentido, importante pensar no homem que faz negação de si, tornando-se niilista e, quanto mais niilista, mais teórico-conceitual. Segundo os autores Martin Buber e Afonso Fonseca, existencialmente possuímos dupla forma de ser – modos de ser que em sua alternância regular nos potencializam enquanto pessoas, enquanto concretude existencial e nos tornam produtores culturais ativos, criadores e produtivos.

Ao discutir a importância da alternância dos modos existenciais, procurou-se ressaltar nesse livro a significância do trabalho psicoterapêutico dentro da abordagem de fenomenologia da gestaltificação na contemporaneidade como estimulante da dinamicidade da alternância dos modos existenciais. Psicoterapeuta com sua propedêutica fenomenológica gestaltificativa que estimula um modelo de relação implicativa com o cliente. Relação como abertura para a mudança e mobilizadora das potencialidades do humano como criação, superação, mudança e saúde existencial.

REFERÊNCIAS

- ALIENAÇÃO na Sociologia e Filosofia. **Toda Matéria**, 2015. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/alienacao-na-sociologia-e-filosofia/>>. Acesso em: 23 abr. 2017.
- BARROS, J. D'A. O conceito de alienação no jovem Marx. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 223-245, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a11.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2017.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BUBER, M. **Eu-tu**. São Paulo: Ed. Cortez, Moraes, 2001.
- DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Porto Alegre: Rés, 1976.
- FONSECA, A. H. L. Transindividualidade, Individualidade, Pessoa e Psicologia. **Eksistencia**. São Paulo, 1985. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/transindividualidade>>. Acesso em: 13 mai. 2017. Não paginado.
- FONSECA, A. H. L. Trabalhando o legado de Rogers. Sobre os Fundamentos Fenomenológico Existenciais. **Eksistencia**, Maceió: Pedang, 1998a. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/trabalhando-o-legado-de-rogers-2>>. Acesso em: 30 mar. 2017. Não paginado.
- FONSECA, A. H. L. **Dialógica da esperança**: Dialogicidade, Superação e a Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial. **Eksistencia**, Maceió, 1998b. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/dialogica-da-esperanca>>. Acesso em: 13 mai. 2017. Não paginado.
- FONSECA, A. H. L. **Psicoterapia & Arte**: Considerações Sobre um Nexa Desencontrado. **Eksistencia**, Maceió, 2000a. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/psicoterapia-e-arte>>. Acesso em: 3 fev. 2017. Não paginado.
- FONSECA, A. H. L. O Criar e a Plasticidade do Passado. **Eksistencia**, Maceió, 2000b. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/o-criar-e-a-plasticidade-do-passado>>. Acesso em: 3 fev. 2017. Não paginado.
- FONSECA, A. H. L. Perspectivações acerca da experimentação Fenomenológico Existencial 3... **Eksistencia**, Maceió, 2000c. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/experimentacao-3-nietzsche>>. Acesso em: 23 abr. 2017. Não paginado.
- FONSECA, A. H. L. **Psicoterapia e produção cultural**. Psicoterapia também é cultura. Maceió: Pedang, 2006a. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/psicoterapia-e-producao-cultural-livro>>. Acesso em: 13 mai. 2017. Não paginado.
- FONSECA, A. H. L. Psicologia humanista e pedagogia do oprimido. Um diálogo possível? **Eksistencia**, Maceió: Pedang, 2006b. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/psicologia-humanista-e-pedagogia-do-oprimido>>. Acesso em: 13 mai. 2017. Não paginado.

FONSECA, A. H. L. Da abordagem fenomenológico existencial dialógica de Paulo Freire. **Eksistencia**, Maceió. 2009. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/da-abordagem-de-paulo-freire>>. Acesso em: 30 mar. 2017. Não paginado.

FONSECA, A. H. L. **Realengo**: réquiem para o assassino. E para as crianças massacradas. Maceió: Pedang, 2011a. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=forums&srcid=MTcyODI4NDk4MDE5Mjc1MjM1NzcBMDEyNjU5MjM4OTc4NzgzMjg1NjABWUgxSXZKekVodmNKATAuMgEBdjI>>. Acesso em: 3 fev. 2017.

FONSECA, A. H. L. Psicologia ambiental. Fenomenológico existencial. Abordagem Rogeriana. Abordagem gestáltica. **Eksistencia**, Maceió, 2011b. Disponível em: <https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/psicologia-ambiental-fenomenologico-existencial-1->. Acesso em: 17 fev. 2017. Não paginado.

FONSECA, A. H. L. Interpretação Fenomenológico Existencial: Sobre o sentido do Interpretativo na concepção e método da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-Existencial. **Eksistencia**, Maceió, v.1, jul. 2012a. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/interpretacao-fenomenologico-existencial>>. Acesso em: 3 fev. 2017. Não paginado.

FONSECA, A. H. L. Explicação & a Implicação Compreensiva. **Eksistencia**, Maceió, v. 1. 2012b. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/explicacao-a-implicacao-compreensiva>>. Acesso em: 3 fev. 2017. Não paginado.

FONSECA, A. H. L. Intensificação das intensidades na intensionalidade. Gestaltificação... **Eksistencia**, Maceió, 2012c. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/intensificacao-das-intensidades-da-intensionalidade-gestaltificacao>>. Acesso em: 23 abr. 2017. Não paginado.

FONSECA, A. H. L. As condições facilitadoras básicas como princípios de método fenomenológico existencial: a relação empática. Empatia e Dialogicidade. **Eksistencia**, 2012d. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/empatia-e-dialogicidade>>. Acesso em: 13 mai. 17.

FONSECA, A. H. L. Do ensaio, Fonseca, Afonso Inimputabilidades da presença, da implicação, e atualidade fenomenológico insistentiais... Maceió, 2013a. Disponível em: <<https://groups.google.com/forum/#!topic/escolacom/ildArjwxFMo>>. Acesso em: 23 abr. 2017. Não paginado.

FONSECA, A. H. L. **O pré dialógico**: A disposição estética como pressuposto pré – dialógico. 2013b. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/sh/mfjl7cut8wlaox1/AAB1Zas7ki6zVM1ZUFe-cAX9a/Ensaio%20Afonso/BUBER?dl=0&preview=predialogico062909.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2017. No prelo.

FONSECA, A. H. L. **A terapêutica é experimental, e hermenêutica. Fenomenológico insistentiais. A propedêutica, também.** 2013c. No prelo.

FONSECA, A. H. L. **O relógio analógico é mesmo analógico? Ou, não existem relógios analógicos...** 2015a. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/home/Public/aaTEXTOS%20INTRODUT%C3%93RIOS?preview=analogico+relógio.docx>>. Acesso em: 30 abr. 2017. No prelo.

FONSECA, A. H. L. Impassibilidade. Ressentimento, egotismo e arbitrariedade nos perpetradores de massacres. **Eksistencia**, Maceió, 2015b. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/eksistenciaescola/eksistencia/impassibilidade-egotismo-e-arbitrariedade>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

Não paginado.

FONSECA, A. H. L. **Cronicidade de predominância da experiência do corpo como objeto...**, 2016. No prelo.

FONSECA, A. H. L. **Comentários para Regina e Fernanda: Afonso**. [S.l.], 2017. Mensagem postada pelo autor na rede social Facebook em 13 mar. 2017; 16:54. Em elaboração. 3ed. Disponível em: <<https://www.facebook.com/afonso.fonseca.353/posts/1279657222116620>>. Acesso em: 30 abr. 2017. No prelo.

FONSECA, A. H. L. **Léxico**. [199?]. No prelo.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade Paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Trad. Maria Lucia Machado.

LIPOVETSKY, G. O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. Trad. Maria Lucia Machado.

MACHADO, R. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

NIETZSCHE, F. W. **Ecce Homo**: Como alguém se torna o que é. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Trad. Paulo César de Souza.

NIETZSCHE, F. W. **Além do bem e do mal**: ou Prelúdio de uma filosofia do futuro. Curitiba: Hemus, [2001?]. Trad. Márcio Pugliesi.

NIETZSCHE, F. W. **Assim Falava Zaratustra** – Um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Brasil Editora, 2014. Trad. José Mendes de Souza.

FENOMENOLOGIA DA GESTALTIFICAÇÃO: UMA CIÊNCIA IMPLICATIVA

COMENTÁRIOS PARA REGINA E FERNANDA

Afonso Fonseca
(Terceira versão)

1. COMECEMOS COM TENSÃO.

Creio ser este um dos conceitos mais interessantes da Fenomenologia, e da perspectiva existencialista, da existenciologia. Até porque integra, no conceito de intensionalidade, e no próprio termo e conceito de existENCia, as duas perspectivas. E mostra como elas são interdependentes e correlacionadas.

O radical que está em intensionalidade é o mesmo que está em existência, insistência, diasistência, sistência... Por isso escrevemos tudo com s. Apesar de se utilizar a forma com ç, tenção ou tensão significam a mesma coisa: tensão. Por isso que passamos a utilizar a forma existência, insistência, de intensionalidade...

A insistência é intensional. E significa a pontualidade da vivência da tensão. Existência significa o modo ôntico de sermos, que não é tensional, que não é intensional... Porque não é a vivência ontológica, formativa, gestaltificativa, do desdobramento de possibilidades, a vivência ontológica do desdobramento da ação.

Por aí vemos que a vivência da intensionalidade do desdobramento de possibilidades liga-se à ontológica de seu caráter formativo, gestaltificativo. Formativo, inclusive, da compreensão, e da musculação, do objeto e do sujeito, no seu caráter formativo lógico, ontológico. Igualmente fenomenológico, e dialógico. Em sua ontológica, a fenomenológica, a existenciológica, e a dialógica, são intensionais.

Assim como a insistência o é.

E esta tensão é intrínseca ao episódio da ação, da vivência do desdobramento da ação. À vivência do desdobramento de possibilidades. As possibilidades são, segundo Aristóteles, já, as forças da ação. Cujas emergência e desdobramento vivenciamos pré-reflexiva e pré-conceitualmente.

2. A AÇÃO É FORMAÇÃO E PERFORMAÇÃO

A ação é o vir a ser formativo, criativo, é a formação, performance, performance,

perfazer, perfazimento de algo que não existe, e que vem a ser pelo episódio fenomenológico insintensial da ação. E a intensionalidade é a vivência da tensão deste processo formativo. A intensionalidade é a vivência da tensão criativa da performance da ação, da performance, da performance do desdobramento de possibilidades. A vivência da performance do desdobramento criativo da ação.

A ação é, tende a ser, performance, formação completa. Na medida em que a ação, enquanto projeto, enquanto processo, enquanto rascunho – não enquanto produto – gestaltificativamente, se anuncia, nas fases iniciais de seu processo. E se completa ao se concluir, com o objeto formado, performado, performance.

Mais especificamente, a performance da ação, intensão, dá-se como implicação, como perplexidade. A implicação, a perplexidade, dá-se como intensionalidade.

3. A AÇÃO É IMPLICAÇÃO

Implicação, vocês sabem, é um dos conceitos que nos são mais caros. As possibilidades, as forças intensionais da fenomenológica da ação, são múltiplas, na constituição de cada ato. Múltiplas mas, na medida em que competem, e competem e argumentam entre si (Brentano), formam dominâncias. Formam plexos, plic.

O Plexo pode ser entendido, neste caso, como um sinônimo de Gestalt. E se refere a uma multiplicidade organizada. Em Grego -- a vivência do desdobramento de possibilidades, do desdobramento da ação, pré-reflexiva, e pré-conceitual, é uma multiplicidade organizada de possibilidades, o que chamamos de implicação.

A vivência da implicação é o que entendemos como perplexidade.

A implicação constitui cognitivamente e musculativamente os seus plexos.

Na implicação, um segmento da multiplicidade da implicação é preendido cognitivamente. É compreendido. É compreensão. A implicação se dá, assim, na duração da vivência da momentaneidade instantânea da ação. Na atualidade e presença do episódio insintensial do modo ontológico de sermos. Que é intencional, intensionalidade.

Fora da duração da implicação, estamos na explicação. Que é extensional. Extensionalidade.

Implicação e explicação se excluem, assim. Em específico, como o modo ontológico, e o modo ôntico de sermos.

Na vivência dedicada da dialógica da implicação de possibilidades, vivemos as competições e argumentações das possibilidades, na constituição de suas dominâncias em plexos, cognitivos, e musculativos. Estamos dedicados ao fluxo de suas intensidades,

na constituição de seus plexos, de suas dominâncias. De modo que a vivência da dialógica da implicação é uma errância vivencial, compreensiva, e musculativa pelas dominâncias dos plexos. O que chamamos assim de perplexidade. A metodologia da perplexidade, neste sentido.

A vivência da ação é a vivência da implicação. A vivência da ação é perplexa, é perplexidade.

4. A AÇÃO É PERPLEXA

Como vimos, a vivência da dialógica do episódio da ação é múltipla, em vista de sua constituição como vivência de multiplicidade de plexos de possibilidades. Esta é sua característica pré-conceitual.

A cura da perplexidade dá-se em função da desatualização das possibilidades, que decaem em suas forças. Ao decaírem, eles se reduzem maciçamente, perdendo em sua multiplicidade, e tendendo à unidade. Processo característico da passagem do modo pré-conceitual, e ontológico de sermos; para o modo ôntico de sermos. A unidade resultante é o conceito.

O conceito tende a ser único e coisificado.

A ação, a compreensão, o sentido, a musculação, constituem-se a partir do fluxo da multiplicidade de seus plexos, a partir de sua perplexidade. A qualidade gestaltificativa da consciência pré-conceitual, e pré-reflexiva, unifica a multiplicidade de possibilidades constituídos plexos da implicação em totalidades significativas, não excludentes; que são diferentes da soma de suas partes.

5. A AÇÃO É INIMPUTÁVEL

Dizemos que estas unificações de multiplicidades são inimputadas, porque especificamente inimputáveis. Ou seja, são não purificadas, e não purificáveis, na medida em que não são excludentes, e que o sentido que constituem, enquanto compreensão e musculação, gestaltificativamente se nutre em específico de sua multiplicidade, e do erro por sua implicação.

6. IMPUTÁVEL

Putativo, o conceito é unificado, sempre, e sempre purificado, e purificável, em sua multiplicidade daninha. Imputado e imputável assim.

A transição da vivência do sentido compreensivo para a experiência do conceito dá-

se porque o sentido, ontológico, fenomenológico, é essencialmente múltiplo, não segmentar, e não excludente; imputável, purificável, imputável, em sua multiplicidade, portanto. À medida em que se desatualizam suas forças, suas possibilidades, com o desdobramento da ação, há uma natural imputação das forças do episódio da ação, e o conceito não só tende a coisificar-se, como tende a ser naturalmente imputado, purificado. Como conceito poderá ser mais e mais purificado, imputado, tendendo, cada vez mais à unidade, por esta via da imputação, no modo conceitual de sermos. A compreensão, o sentido, a musculação, ontológico, o fenomenológico são inimputáveis.

7. MODO DE SER DO ATOR E DO JETO

O modo implicativo de sermos, pré-conceitual, e pré-reflexivo, é o modo de sermos da ação, do ator. Que se distingue do modo ôntico de sermos, o modo de sermos do objeto, e do sujeito. O modo implicativo de sermos é o modo de sermos do jeto, do jato, que é o desdobramento de possibilidades, o desdobramento da ação.

O modo ôntico de sermos, modo explicativo, é o modo coisificado de sermos. No qual já não há mais ação, não há mais possibilidade em desdobramento. Não mais jeto.

8. SUB-JETO, OB-JETO E DE-JETO

Neste modo ôntico, explicativo, de sermos, constituem-se o sub-jeto, e o ob-jeto. De-jetos.

Contemplativamente, o sub-jeto se dobra, se flete, sobre o ob-jeto. Decorrendo esta flexão -- do sujeito sobre o objeto –, no modo coisificado de sermos. No qual só se dá a repetição. De modo que a flexão se constitui como re-flexão. Designando o modo re-flexivo de sermos.

Assim, o modo implicativo de sermos da ontológica da ação, além de ser pré-conceitual, é especificamente pré-reflexivo.

9. A AÇÃO É EPISÓDICA E MUSICAL

A vivência ontológica da ação, a existência, é episódica. Isso já aponta o seu caráter musical. O episódio fenomenológico existencial da ação é uma sístole, um sopro. Isto está dito em sua própria designação como existência.

Importante observar que, contrário talvez ao senso comum, a sístole é sempre diástole e sístole. É sempre (1) tomar fôlego para o sopro (diástole), e (2) soprar (sístole).

O intervalo entre duas sístoles é exsístole. Existensia.

10. *Sístole ontológica-Insistensia*

A morfologia do episódio da existência constitui-se, assim, de sístole ontológica -- que chamamos de Insistensia; e a exsístole ôntica—que chamamos de Existensia.

A sístole, a inistensia, é composta por diasistensia, a diástole (emergência e desdobramento inicial de possibilidades), e sistensia, a sístole propriamente dita (desdobramento terminal de possibilidades).

A Ex-sistensia, é o modo ôntico de sermos; a inércia do modo coisa de sermos.

O radical tencia, tensia, significa tensão. Insistensia significa na vivência do ser da tensão da sístole.

Existensia, fora da vivência desta tensão.

Esta tensão é a intensionalidade da ação.

E a intensionalidade da ação se define, não como força no sentido quantitativo, mas como força no sentido qualitativo; força plástica, força criativa – força estética, força poética.

11. *A AÇÃO É ESTÉTICA*

Toda esta perspectiva se coaduna com a perspectiva de Nietzsche de valorização do homem estético, com relação ao homem científico. Basicamente, esta perspectiva de valoração é a valoração da vivência estética pré-conceitual, e da ação; sobre a valoração da experiência metafísica, conceitual.

A estética é a ética da estesia.

O estesio é um vento que sopra na Grécia, durante uma certa época do ano, e que impulsiona os navios a fazerem-se ao mar. A existência, como insistensia, é uma sístole, um sopro, enquanto desdobramento de possibilidades, ação. Os gregos identificaram este sopro criativo com o vento estesio. E todo este modo de sermos pré-conceitual, fenomenológico existencial, da ação, foi designado como o modo de sermos da estesia. A estética.

Estética, a vivência fenomenológico existencial, ela em específico é poética. Como modo de sermos da vivência de possibilidades (poh=força), e da ação. Como desdobramento de possibilidades. Do devir, da formação, da criação. Ao mesmo tempo que é o modo de sermos do pathos da sensibilidade emocionada.

A vivência – pré-conceitual, e pré-reflexiva --, da ação, em específico, é estética e poética. E o modo de sermos da emoção.

12. A AÇÃO É DIALÓGICA

A dialógica, a relação eu-tu, ao lado da relação eu-isso, tematizadas por Martin Buber, é uma principal característica do modo ontológico de sermos.

Ela significa que, no modo ontológico de sermos sempre estamos em relação com uma diferença, com uma alteridade. E vivenciamos com este tu um compartilhamento de sentido, do processo de engendramento do sentido; do logos, que é engendrado com a ação, no episódio fenomenológico insistencial da ação. Mas é importante lembrar que a ação não é só engendramento do sentido, mas igualmente a performance de objetos. De modo que, na dialógica, compartilha-se o sentido resultante da performance ontológica de objetos, no âmbito da ação, e compartilha-se a própria poiese e performance de coisas.

A relação eu-tu é não apenas compartilhamento do logos, dialógica, mas, igualmente, compartilhamento da poética, e da estética, da ação. Como compartilhamento da ação, na integridade de sua duração, na momentaneidade instantânea de seu episódio insistencial. Dialógica e diapoética.

A duração da experiência desportiva dá-se como dialógica e diapoética, na duração do episódio fenomenológico insistencial da ação. A experiência desportiva usufrui assim de seus potenciais de compartilhamento, de intensificação, em sua intensionalidade, e de superação, sempre.

13. O AMBIENTE É SEMPRE UM TU

O ambiente, de uma perspectiva fenomenológico insistencial, é eminentemente um ser ambíguo. Que alterna entre eu-isso e eu-tu, ora ôntico, ora ontológico. Ambíguo, ambiente, ainda, que, em termos ontológicos, ora é eu e ora é tu. Na dinâmica do remetimento recíproco entre eu e tu, na dialógica e diapoética.

Na experimentação e interpretação fenomenológico insistenciais, assim, o ambiente é sempre produto de criação, como atualização do possível. Sobretudo, ontologicamente, o ambiente é sempre o tu de uma diapoética, dialógica.

14. MODO DE SER ONTOLÓGICO DA AÇÃO

Ontológico é o modo de sermos da ação e de vivência do sentido. Característica distintiva de um ser que vivencia o sentido.

De modo que este ser é ontológico, na medida em que se caracteriza pela vivência do sentido. Sentido que é ontológico -- dialogicamente constituído e vivenciado no modo ontológico de sermos, de constituição e vivência do logo –, do sentido.

Este, o modo ontológico de sermos, é o modo de sermos pré-conceitual e pré-

reflexivo da ação e do ator, da performance do vir a ser; fenomenológico insistencial e dialógico; compreensivo, implicativo, gestaltificativo. Intensional. Intensionalidade.

O modo ôntico de sermos é apenas ôntico por não ser lógico. Não ser o modo de sermos de vivência do sentido. O modo ôntico de sermos é o modo conceitual e reflexivo de sermos. É o modo coisa de sermos. Ôntico, reflexivo e conceitual; teórico, não dialógico, explicativo. Existencial. Extensional. Modo de sermos da extensionalidade.


SOBRE OS AUTORES

AFONSO HENRIQUE LISBOA DA FONSECA - (CRP 15/0993). Nasceu em 18 de janeiro de 1954. Psicólogo, Antropólogo Experimental, Psicoterapeuta e facilitador de grupos. Foi aluno de Carl Rogers no Center of Studies of the Person, de La Jolla, Califórnia, em 1979. Atualmente é professor em Programas de Formação em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-Existencial Dialógica no Brasil, em especial Abordagem Centrada na Pessoa e Gestalt-terapia. É autor de inúmeros ensaios e possui dois livros de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico-Existencial, entre os quais se destaca a sua participação, juntamente com Carl R. Rogers, John K. Wood e Maureen M. O'Hara, na obra: *Em Busca de Vida. Da Terapia Centrada no Cliente à Abordagem Centrada na Pessoa, de 1983* e *Grupo – Fugacidade, Ritmo e Forma de 1988*. Fundador da Escola Experimental de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial. Gestalt Terapia. Abordagem Rogeriana. Em Maceió – Alagoas. E também fundador e criador da Abordagem de Fenomenologia da Gestaltificação e da Escola Experimental de Fenomenologia da Gestaltificação.


REGINA DE FÁTIMA MARCOS DA SILVA - Pós-graduanda em Psicopedagogia - FACULDADE ESTRATEGO (EAD) Conclusão em 2021.1. Pós-graduanda em Gamificação e jogos de aprendizagem -EAD - Multivix; Especialização em Tecnologias digitais e Educação à distância - EAD - INEX; Pós-graduada Saúde Mental e Atenção Psicossocial - FACULDADE ESTÁCIO DE SÁ - Ceará (2020.1). Possui graduação em Psicologia pela FACULDADE MAURÍCIO DE NASSAU (2017). Atualmente é Instrutora de Qualificação Profissional e Arte Educadora do Instituto de Educação Portal. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Fenomenológica Existencial e Dialógica, atuando principalmente nos seguintes temas: suicídio na juventude, juventude pobre, representações sociais, formações de psicólogos e atuação de psicólogos.


FERNANDA HOLANDA DE SOUSA - graduada em Psicologia pela Universidade Uninassau Fortaleza- Ce em 2017 com o título do Trabalho: *A alternância dos modos de ser como criação, superação, mudança e saúde existencial: a perspectiva de Afonso Fonseca*. Orientador: Felipe Saraiva Nunes de Pinho. Especialização em andamento em História e cultura afro-brasileira 2022 - Atual Faculdade do Grupo UNIASSELVI. Especialização em Psicologia Organizacional e do Trabalho Pela Faculdade Faveni (EAD) conclusão em 2022. Especialização em Gestão de Pessoas pela Faculdade Faveni (EAD) conclusão em 2022. Mestrando em Psicologia Clínica pela Universidad Europea Del Atlántico atual 2022. Formação em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial; Abordagem Gestalt-terapia. Abordagem Rogeriana. Conclusão em 2017 com Afonso Fonseca. Formação em Fenomenologia da Gestaltificação pela Escola Experimental de Fenomenologia da Gestaltificação. Conclusão em 2019 com Afonso Fonseca. Produção bibliográfica: SOUSA, F. H. . *ESPAÇO IMPLICATIVO: UMA PSICOTERAPIA COMO PROCESSO PSICO-SOCIO-CORPORAL*. In: I Congresso Brasileiro de Psicologia, 2018, Parnaíba. I Congresso brasileiro de Psicologia. Parnaíba: UFPI, 2018. v. 1. p. 87-89.

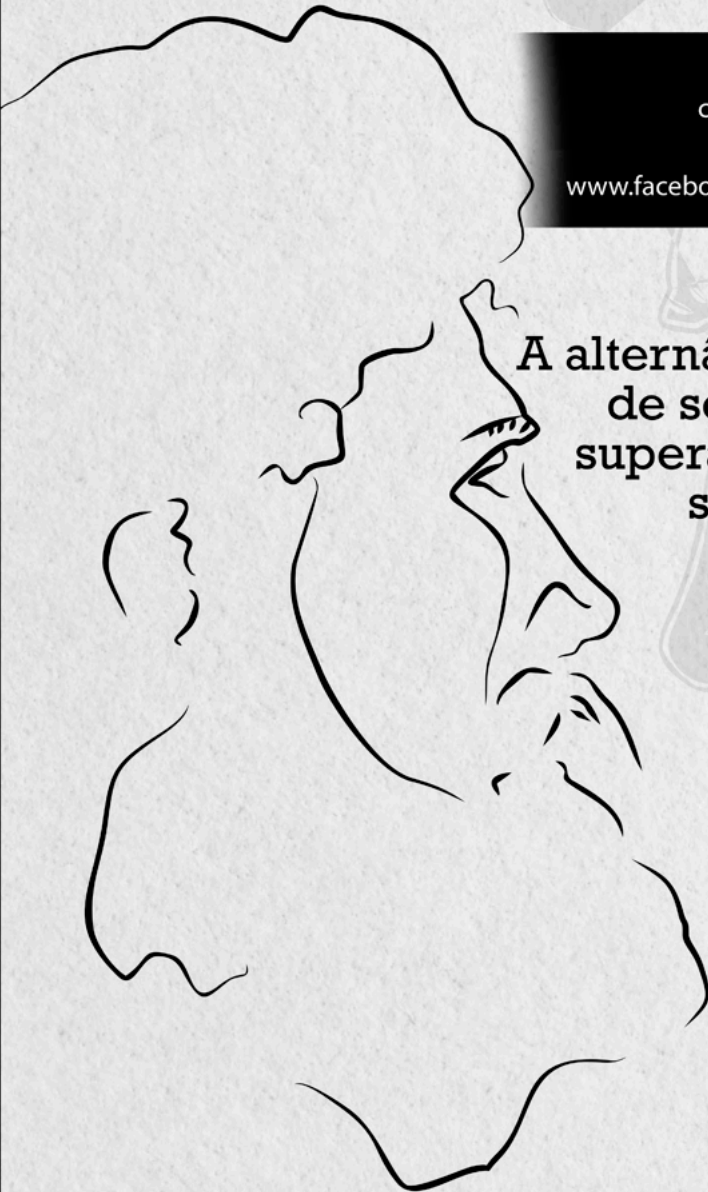
FENOMENOLOGIA DA GESTALTIFICAÇÃO

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 


www.facebook.com/atenaeditora.com.br 





A alternância dos modos
de ser como criação,
superação, mudança e
saúde existencial


 **Atena**
Editora
Ano 2022

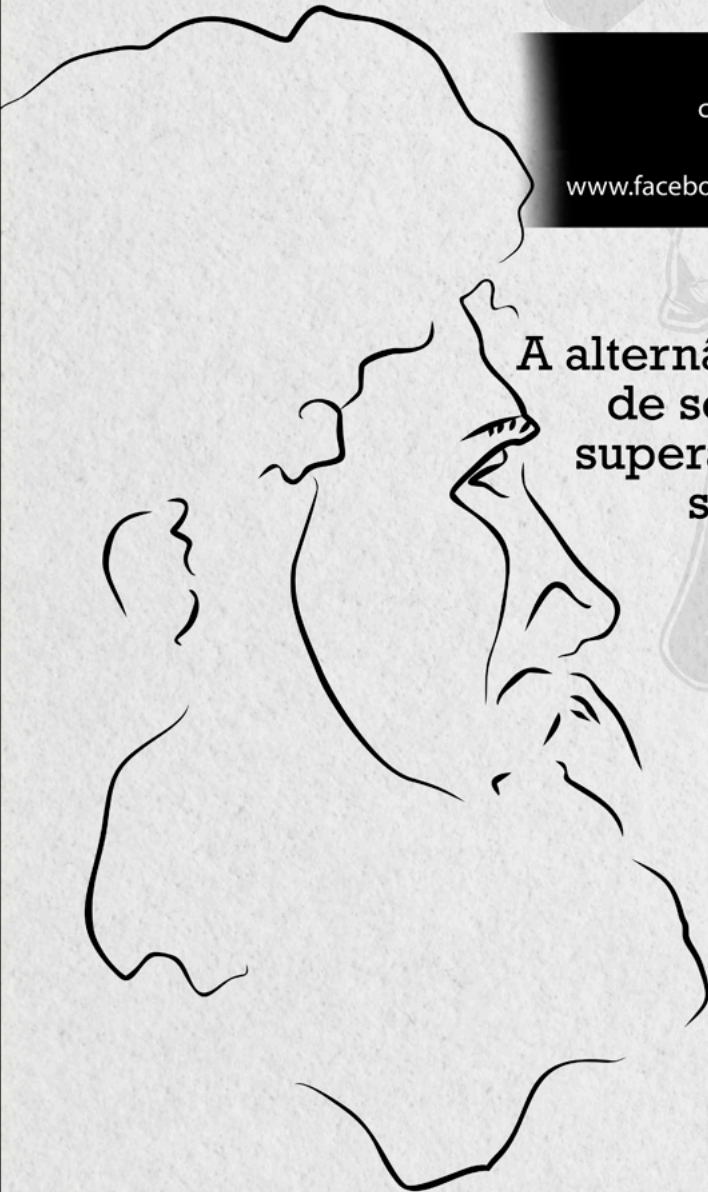
FENOMENOLOGIA DA GESTALTIFICAÇÃO

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



A alternância dos modos
de ser como criação,
superação, mudança e
saúde existencial